

# O HOMEM QUE BATIZAVA



WELINGTON CORPORATION

## MISTÉRIO QUE ENVOLVE OS PROFETAS

A vida é cheia de mistérios. Por isso também é chamada de maravilhosa. E se houver um propósito para a vida humana? Muitos vivem num mundo sem Deus. Como se o universo fosse uma máquina e eles partes de uma engrenagem, e tudo acontecesse ao acaso, sobre o domínio da sorte e probabilidades. Sem uma direção cósmica, espiritual ou coisa que o valha. Porém um universo sem razão de ser, é um conto de fadas. É uma desculpa esfarrapada para uma vida sem compromissos com nada mais do que o próprio desejo. É impossível ao ser humano não compreender que vive debaixo de leis espirituais. É impossível ao ser humano não as perceber e não tomar algum tipo de posicionamento diante do que sente, vê percebe e lhe toca. Nem que seja o de negação, que na verdade é loucura disfarçada de obstinada incredulidade. O mundo de realidades espirituais que faz parte do pacote do cosmos não pede licença ou permissão para transitar nas esferas de nossa alma. Mas, negar o óbvio não lhe torna inexistente. A dor não cessa, as perguntas não calam, a incerteza diante do amanhã, as contradições e movimentos gigantescos do nosso espírito, os sonhos e pensamentos, as imagens em nossa imaginação, o deslumbramento diante do universo, os pesadelos incontornáveis, a melancolia e a depressão, o medo, o terror, o vazio que grita que falta alguma coisa. O toque do invisível, as constantes impressões de que ao redor de nós um mundo de poderes espirituais funciona a pleno vapor. O ceticismo pleno é uma impossibilidade ao ser humano. Porque uma dimensão da alma transita no universo mágico, porque moramos num lugar onde o fantástico nos observa atento. Porque o inefável, o incognoscível, o desconhecido, o mistério, o assombroso, o maravilhoso, estão transitando em nossa psique. Quando não, habitando permanentemente nela. A negação plena do universo espiritual conduz à loucura e a demência. Porque a estupidez de recusar continuamente os sentimentos que são produzidos na alma por vivermos num mundo fantástico, nos deteriora. Melhor é sermos guiados por quem conhece os mistérios do universo, a todos eles, sendo competente para nos ensinar sobre todas as coisas espirituais.

15 O qual é imagem do Deus invisível, o primogênito de toda a criação;

16 Porque nele foram criadas todas as coisas que há nos céus e na terra, visíveis e invisíveis, sejam tronos, sejam dominações, sejam principados, sejam potestades. Tudo foi criado por ele e para ele.

17 E ele é antes de todas as coisas, e todas as coisas subsistem por ele.

18 E ele é a cabeça do corpo, da igreja; é o princípio e o primogênito dentre os mortos, para que em tudo tenha a preeminência.

19 Porque foi do agrado do Pai que toda a plenitude nele habitasse,

Col. 1.12-20

Então, parece que a vida possui um propósito. E planos anteriores. O universo não é sombra do acaso, e a vida humana não é fruto de probabilidades fantásticas. Não somos poeira de estrela recondensada por forças gravitacionais inexistentes após uma explosão fantástica que nos aqueceu a milhões de graus e depois reconvertidos num processo sem um modelo cósmico pre-existente, que nos conduziu – de modo brilhante, diga-se de passagem - da criação do quântico até a singularidade do tímpano, martelo, bigorna e estribo, e do sistema de equilíbrio interno ao ouvido do ser humano. Não somos poeira de estrela, que **me perdoe o Doctor Who**.

O mistério que envolve os profetas é sempre uma singularidade. Homens segundo Deus, homens cridos como divinos por diversas sociedades antigas. Compreendidos como capacitados de modo sobrenatural e tidos em grande estima pela maioria dos povos. O faraó ao saber dos sonhos divinatórios de José, vê nele um emissário dos deuses, um homem abençoado, um favorecido, um escolhido, uma pessoa marcada pela divindade, inspirada por poderes celestiais que lhe confere sabedoria singular. Um tipo de sabedoria espiritual única, mágica, de tamanha importância nos dias da antiguidade que José é colocado como segundo maior cargo da terra do Egito. Daniel ao revelar ao rei Nabucodonosor o sonho esquecido, dando também a sua interpretação, é considerado

como aquele onde habitava os espíritos dos grandes deuses, aquele que era capaz de subir lugares celestiais ou ocultos e ouvir o conselho secreto das divindades. O Deus de Daniel era uma divindade que podia ir aos lugares mais distantes da alma humana, penetrar na sombra de sonhos esquecidos, iluminar memórias apagadas e lembrar de coisas que somente o rei sabia e que aconteceram somente em seus sonhos, testemunhando o segredo de coisas tão ocultas, que ele já não as conseguia lembrar.

Em determinado instante da história humana vindo de um deserto palestinese aparece um pregador itinerante, um nômade ou ermitão que há anos transitava pelo deserto da Judéia.



O deserto da Judeia é repleto de vistas de tirar o fôlego que estão mudando constantemente. Montanhas, penhascos e colinas de cal estão ao lado de planaltos, leitos de rios e vales profundos. A largura e a amplitude do deserto são atravessadas por vários rios que criaram gargantas de até 500 m de profundidade. Alguns destes rios têm água durante o ano todo e criam oásis, como o Nahal Arugot, Nahal Prat e Nahal David. As falésias antigas na borda leste da torre do deserto, a uma altura de 300 m acima da costa do Mar Morto, e as reservas naturais, tais como a Ein Gedi e Einot Tzukim, ficam aos seus pés.

#### Erva seca

Na primavera, as flores selvagens – tem um curto período de tempo. Assim que o sol se torna muito quente, elas secam. Isaías 40:6-8 (NVI) ", disse a voz:" Grita! "E ele disse: ' Que hei de clamar? " Toda a carne é como a erva, e toda a sua beleza é como a flor do campo. A erva seca, a flor murcha, porque o hálito do Senhor sopra sobre ele, certamente o povo é erva. A erva seca, a flor murcha, mas a palavra do nosso Deus permanece para sempre. "

João—no latim "Iōhannēs"—no grego "Iōánnēs" (Ἰωάννης)—no aramaico "Jochanan" (ܝܫܘܢܢ) —no hebraico "yōhānān" (יוחנן) que por sua vez é o diminutivo de Yəhōhānān (יְהוָה + יחנן = YHWH mais o verbo Hanan) significando Yhwh Misericordioso—este nome aparece no Antigo Testamento em especial na figura do Sumo Sacerdote do Segundo Templo, Johanan (Iorranā) em Jeremias 42:8—por volta de 400 a.C.

Batista— termo grego "βάπτισμα" (baptismo= Batisma) o sufixo (ma) enfatiza que ocorreu a imersão (imersão), "βαπτίζειν" (baptizein) para imergir; do verbo "βαπτίζω" (baptizó) imergir—ele imerge {ele batiza}.

O nome João o Batista. Nós simplificamos o nome para João Batista. Em grego Ioannes Batistes . Ou um misto hebraico Yohonam com o apelido, batistes. Yohonam Batistes. Johanan Batistes

A tradução literal de seu nome seria: **O Deus Misericórdia Batiza.**

João inicia seu ministério no deserto da judéia e o termina no palácio de Herodes, em Jerusalém. João Batista morre dentro de Jerusalém. É esse o motivo da mensagem concedida à Herodes quando buscar calar a voz de Jesus:

33 Importa, contudo, caminhar hoje, amanhã, e no dia seguinte; **porque não convém que morra um profeta fora de Jerusalém.**

Porque parecia que Jerusalém era o destino final, literalmente falando, dos profetas em sua época. E nessa frase Jesus deixa registrado, com bastante desgosto, e cutucando a raposa, com a anotação da culpa da família Herodes na morte do profeta João.

O castelo de Herodes (reconstrução) se apoiava sobre a muralha de Jerusalém e possuía três torres. Da esquerda para a direita, suas três torres: Fasael, Hípico e Mariamne, nome de sua esposa. Sua beleza se igualava ao do templo. Tanto do palácio, quanto de Mariamne.



O ministério de João se inicia com uma dança. Quando ele salta de alegria "dançando" no ventre de Isabel ao ouvir a voz de Maria, grávida de Jesus. E termina numa dança macabra, a dança de Salomé, dança que o condena a decapitação.

Sua história começa no anúncio de um anjo, Gabriel. E o fabuloso mistério de sua missão é anunciado após sua morte, como uma elegia, pela boca de Jesus em forma de um enigma, como o enunciado por Sansão, NAZIREU como foi João o Batista. O ministério de Sansão termina num banquete maldito, numa festa torpe diante dos oficiais e príncipes dos filisteus, no palácio de Dagon, assim como o ministério de João termina num banquete maldito, no palácio de Herodes. Certamente Dalila

dançou no dia em que Sansão morreu. Herodias e Salomé fazem o papel de Dalila com relação ao nazireu contemporâneo de Cristo, cuja missão era impedir que o mundo sofresse uma terrível maldição.

Fica anotado que apesar de NAZARENO Jesus não era NAZIREU. Nazareno era um designativo dos moradores, da pequena, porém decente, cidade de Nazareth.

Grandiosa era a missão interrompida pela dança macabra.

“E ele converterá o coração dos pais aos filhos, e o coração dos filhos a seus pais; para que **eu não venha, e fira a terra com maldição.**”

Imaginemos Jesus sendo rejeitado no início de seu ministério. Se fosse ignorado, desprezado. Não que não tenha sido desprezado. Quando termina três anos de ministério, 500 pessoas são as que foram impactadas o suficiente para permanecer como testemunhas de sua Ascensão. No cenáculo 120 pessoas são as que estavam desejando trabalhar para o Reino. Mas a semente da pregação de Cristo foi semeada personalíssima em centenas de milhares de pessoas. Pelo menos 900.000 pessoas. João Batista é enviado para abrir caminho, para arar a terra, para preparar o mundo humano com as condições mínimas necessárias para que a palavra divina encontrasse corações dispostos. A pregação de João estremece a terra, com a última manifestação de um profeta debaixo do regime da Lei. Ele era o último homem ungido segundo os meios de operação espiritual da antiguidade. O homem ungido antes de Cristo não possuía o espírito regenerado. Era uma não-convertido, um não-nascido de novo, sendo usado pelo poder espiritual. A influência das paixões humanas, da carne, dos sentimentos que atua sobre quem não é NASCIDO DE DEUS, para citar outro João, são diferentes, tem uma dimensão diferente. O crente em Cristo é tornado habitação PERMANENTE do Espírito Santo. Ou deveria ser. O homem temente a Deus da esfera da Lei recebe a VISITAÇÃO do Espírito, é ENVOLTO no poder, é USADO pelo poder, é TOMADO pela unção, faz coisas maravilhosas, sobrenaturais, especiais, mas dentro de uma dimensão completamente humana. O que significa uma condição inferior àquela de quem crê em Cristo, diante dos poderes espirituais que habitam nosso mundo tenebroso.

#### CHAMADOS POR DEUS DESDE O VENTRE

Além do mistério dos portadores de segredos divinos, de palavras ouvidas sabe-se lá como, de fontes celestiais de acesso a quase ninguém no mundo, havia ainda em alguns casos o mistério de serem escolhidos desde o ventre, antes mesmo que nascessem, possuem um chamado que tem início ainda no ventre materno:

Isaías é citado nos textos bíblicos como que escolhido por Deus desde o ventre materno. Os textos assim narram:

“1 Ouvi-me, ilhas, e escutai vós, povos de longe: O Senhor **chamou-me desde o ventre**, desde as entranhas de minha mãe fez menção do meu nome

2 e fez a minha boca qual espada aguda; na sombra da sua mão me escondeu; fez-me qual uma flecha polida, e me encobriu na sua aljava”(Is 49,1-2)

Jeremias compartilha de uma experiência parecida:

Em torno do ano 627 a C, no décimo terceiro ano do reinado de Josias, Jeremias foi chamado por Deus. Na leitura livro profético que leva o seu nome é descrita a vocação de Jeremias do seguinte modo:

“Antes mesmo de te formar no ventre materno, eu te conheci; antes que saíesses do seio, eu te consagrei” (Jr 1,1-5).

Paulo revela em sua apologia pessoal na carta aos Gálatas que ele mesmo teve sua escolha divina desde o **seio materno**:

"15 Mas, quando aprouve a Deus, **que desde o ventre de minha mãe me separou**, e me chamou pela sua graça,

16 revelar seu Filho em mim, para que eu o pregasse entre os gentios, não consultei carne e sangue,

17 nem subi a Jerusalém para estar com os que já antes de mim eram apóstolos, mas parti para a Arábia, e voltei outra vez a Damasco". (Gl 1, 15-16)

A separação de um ser humano para uma vocação divina desde o ventre da mãe é um dos maiores mistérios do universo.

#### CHAMADOS ANTES DO NASCIMENTO

Porém há um ainda maior. **O do anúncio anterior do nascimento dessas pessoas**. Poucos seres humanos receberam a honra de terem sido anunciados previamente, antes que nascessem, ao menos nas Escrituras: Sansão, Ciro o persa, João Batista, Maria, chamada somente de virgem nas profecias e Jesus.

Encontramos em Lucas Lc 1,5-22.57-80 a história da vocação de profeta João Batista. O nascimento de mãe idosa Isabel e tendo como pai Zacarias, já mostra a predileção divina em gerar aquele que seria o precursor do Messias. Isabel possuía um agravante era estéril. Deus chama João Batista e indica uma missão: ser consagrado a Deus, ser pleno do Espírito Santo, converter os filhos de Israel mostrando quem era o verdadeiro Messias preparando a vinda do Messias. O texto de Lucas assim mostra:

"15 porque ele será grande diante do Senhor; não beberá vinho, nem bebida forte; e será cheio do Espírito Santo já desde o ventre de sua mãe;

16 converterá muitos dos filhos de Israel ao Senhor seu Deus;

17 irá adiante dele no espírito e poder de Elias, para converter os corações dos pais aos filhos, e os rebeldes à prudência dos justos, a fim de preparar para o Senhor um povo apercebido."(Lc 1,15-17)

#### ZACARIAS PAI DE JOÃO.

Era um sacerdote no Templo de Jerusalém, do turno de Abias (Numa escala de 24 turnos, a escala de Abias era a Oitava 1ª Cr. 24: 10-19 a escala foi estabelecida durante o reinado de Davi para evitar confusão entre os sacerdotes sobre os dias de servir no templo. Os ancestrais: Abraão, Isaque, Jacó, Levi, Arão (irmão de Moisés) e Abias.

João Batista era descendente de Moisés, era filho de um Levita.

Era esperado que um filho de sacerdote levita por tradição e filiação continuasse o serviço do sacerdócio. Por nascimento João batista estava **DESTINADO a ser um sacerdote** segundo a ordem de Aarão. Porém o Espírito Santo mudou a história de um levita. Levantando um PROFETA ao invés de um sacerdote. O encontro entre ele e Jesus significava um profeta da linhagem de MOISÉS se encontrando com o primeiro PROFETA segundo a linhagem de JESUS, ele mesmo.

Um grande profeta da LEI se encontrava com um grande profeta da GRAÇA.

Outro encontro profético que estará presente na vida de Cristo, em grande parte motivado pelo ministério de João Batista, que gera em Herodes Antipas o intenso desejo de conhecer a Jesus, que por quase 3 anos IMAGINOU como se fosse o próprio João Batista ressurreto dos mortos. Herodes é uma das últimas famílias conhecidas que descende da família real iduméia ou edomita. Os Idumeus ou edomitas eram descendentes de EDOM (vermelho, ruivo), nome com o qual foi apelidado ESAÚ. Jesus é descendente de Abraão, Isaque e de JACÓ. Herodes é descendente de ESAÚ, irmão de Jacó. O encontro entre Herodes e Jesus é profeticamente o reencontro entre JACÓ e ESAÚ.

## A HISTÓRIA DE SEU NASCIMENTO

### O ANUNCIO ANGELICAL

Mais um mistério que envolve a tremenda vocação do evangelista é que somente três seres humanos foram anunciados por anjos.

Sansão, João e Jesus.

Somente DOIS anjos são formalmente conhecidos por nomes pela humanidade, segundo as profecias e a revelação bíblica: Gabriel e Miguel. Quando anjos se apresentavam no Velho Testamento o faziam de forma anônima. E mesmo depois quando se apresentaram, fosse durante o ministério de Jesus ou a Igreja no Novo Testamento, o fazem na maior parte de forma anônima. Porém, para profetizar o ministério tanto de Jesus como o de João, o Espírito de Deus nos apresentará ou permitirá que o anjo que assim o faz declare sua IDENTIDADE.

E será o mesmo anjo que anunciará, tanto a João quanto a Jesus.

Existiu, no tempo de Herodes, rei da Judéia, um sacerdote chamado Zacarias, da ordem de Abias, e cuja mulher era das filhas de Arão; e o seu nome era Isabel. 6 E eram ambos justos perante Deus, andando sem repreensão em todos os mandamentos e preceitos do Senhor. 7 E não tinham filhos, porque Isabel era estéril, e ambos eram avançados em idade. 8 E aconteceu que, exercendo ele o sacerdócio diante de Deus, na ordem da sua turma, 9 Segundo o costume sacerdotal, coube-lhe em sorte entrar no templo do Senhor para oferecer o incenso. 10 E toda a multidão do povo estava fora, orando, à hora do incenso. 11 E um anjo do Senhor lhe apareceu, posto em pé, à direita do altar do incenso. 12 E Zacarias, vendo-o, turbou-se, e caiu temor sobre ele. 13 Mas o anjo lhe disse: Zacarias, não temas, porque a tua oração foi ouvida, e Isabel, tua mulher, dará à luz um filho, e lhe porás o nome de João. 14 E terás prazer e alegria, e muitos se alegrarão no seu nascimento, 15 Porque será grande diante do Senhor, e não beberá vinho, nem bebida forte, e será cheio do Espírito Santo, já desde o ventre de sua mãe. 16 E converterá muitos dos filhos de Israel ao Senhor seu Deus, 17 E irá adiante dele no espírito e virtude de Elias, para converter os corações dos pais aos filhos, e os rebeldes à prudência dos justos, com o fim de preparar ao Senhor um povo bem disposto. 18 Disse então Zacarias ao anjo: Como saberei isto? pois eu já sou velho, e minha mulher avançada em idade. 19 E, respondendo o anjo, disse-lhe: Eu sou Gabriel, que assisto diante de Deus, e fui enviado a falar-te e dar-te estas alegres novas. 20 E eis que ficarás mudo, e não poderás falar até ao dia em que estas coisas aconteçam; porquanto não creste nas minhas palavras, que a seu tempo se hão de cumprir. 21 E o povo estava esperando a Zacarias, e maravilhava-se de que tanto se demorasse no templo. 22 E, saindo ele, não lhes podia falar; e entenderam que tinha tido uma visão no templo. E falava por acenos, e ficou mudo. 23 E sucedeu que, terminados os dias de seu ministério, voltou para sua casa.

### O PRIMEIRO ENCONTRO

A vocação celestial de João o torna recipiente do Espírito de Deus, desde o ventre de sua mãe. Quando Maria saúda a Isabel, grávida do sexto mês de João, ele salta de alegria no interior de Isabel. Maria está grávida de Jesus. *Um profeta reconhece outro profeta.* Inconscientemente João saúda a razão de sua vida, ainda não manifesta.

Lucas 1

**36 - Isabel, tua parenta, também ela concebeu um filho na sua velhice, e já está no sexto mês** aquela que era chamada estéril; 37 porque nenhuma palavra vinda de Deus será impossível. 38 Disse Maria: Eis aqui a serva do Senhor; faça-se em mim segundo a tua palavra. E o anjo retirou-se.

39 Naqueles dias, levantando-se Maria, foi apressadamente à região montanhosa, a uma cidade de Judá, 40 entrou na casa de Zacarias e saudou a Isabel. 41 Apenas Isabel ouviu a saudação de Maria, a criança deu saltos no ventre dela, e **Isabel ficou cheia do Espírito Santo**

## NAZIREU E PROFETA

*João compartilha de uma mistura de vocações, ele é NAZIREU como Sansão e PROFETA como Moisés, Samuel, Elias, Eliseu.*

No Antigo Testamento, o voto de nazireu era uma decisão voluntária feita por um israelita para se consagrar a Deus durante algum tempo. Durante o tempo do voto, o nazireu cumpria restrições especiais, além das restrições normais de todo judeu:

Não bebia vinho ou outra bebida alcoólica – Números 6:2-3

Não comia uvas nem algum outro produto da videira – Números 6:4

Não cortava o cabelo da cabeça – Números 6:5

Não se aproximava de um cadáver – Números 6:6-7

Se, por acidente, o nazireu quebrasse alguma regra, deveria se purificar durante sete dias, apresentar uma oferta pelo pecado, rapar o cabelo e começar o voto do zero. O nazireu também poderia dedicar outras coisas durante o tempo de seu voto, de maneira pessoal (Números 6:21).

No fim do tempo estipulado pelo voto, o nazireu ia para o templo para entregar uma oferta especial a Deus. No templo, o nazireu rapava seu cabelo, que tinha sido consagrado, e o jogava no fogo, junto com o sacrifício. Terminava assim seu voto e não seria mais nazireu.

Jesus é antecedido por um nazireu, que não se VOLUNTARIA, antes recebe de DEUS essa vocação, esse chamado antes mesmo de nascer. João jamais beberia vinho. Em contraste com Jesus que representaria o próprio vinho novo.

Não havia um VOTO de nazireado a ser extinguido na vida de João. Somente a morte extinguiria essa vocação divina. Como Sansão, João sofreria seu fim por causa de uma mulher gentia. Dalila e Salomé ou Dalila e Herodias se encontram em poesia ou em profecia, onde dois banquetes profanos são o palco da morte de um nazireu. Os banquetes são os do templo de Dagon, regado a vinho e festejado em danças, e o banquete do aniversário de Herodes Antipas, igualmente profano regado a vinho e festejado em danças

## DIGNIDADE CONCEDIDA

João é extremamente DIGNIFICADO pelo Espírito de Deus, a cada instante, nos pormenores, nos detalhes a respeito de sua vida. Deus SUBLINHA a importância de João em cada trecho que fala a seu respeito nas Escrituras.

E eu vos digo que, entre os nascidos de mulheres, não há maior profeta do que João o Batista; mas o menor no reino de Deus é maior do que ele". Lucas 7:28

Jesus cita em seu ministério a Salomão, Davi, Moisés, Abraão, João, Pedro, Lázaro, Maria, a rainha de Sabá. Cita até de Herodes, sem citar seu nome "aquela raposa".

Porém, a única pessoa exaustivamente exaltada, o único personagem da história bíblica elogiado por Cristo é João Batista. Neste momento o Espírito de Deus deseja que João seja reconhecido, ao citar a João do modo que o faz durante seu ministério Jesus realmente o coloca propositadamente numa condição de extrema importância.

No final deste estudo há uma meditação sobre a importância de João num ENIGMA que JESUS cita a respeito do profeta. Jesus propõe um ENIGMA sobre o nazireu, aos moldes do que Sansão realizou no Velho Testamento. A sabedoria do Espírito de Deus é um espetáculo. Quando Jesus revela o caráter da missão de João Batista propõe um enigma, embora não o declare como tal. Essa "parábola" sobre João evoca, trás a memória um dos feitos de Sansão. Outra semelhança de João



Batista com Sansão é que mesmo modo que o titã do Velho testamento, a vida de João seria ceifada pela traição de uma mulher má. Herodias e Salomé são a expressão de Dalila do Velho Testamento, mãe e filha, mente e coração. Então Jesus comporá uma parábola que é a ELEGIA, o canto fúnebre sobre o seu amigo, primo, profeta e nazireu:

E eu vos digo que, entre os nascidos de mulheres, não há maior profeta do que João o Batista; mas o menor no reino de Deus é maior do que ele". Lucas 7:28

Cuja explicação deixei para o final.

#### O TESTEMUNHO DE JESUS SOBRE JOÃO BATISTA

7 Enquanto saíam os discípulos de João, Jesus começou a falar à multidão a respeito de João: "O que vocês foram ver no deserto? Um caniço agitado pelo vento?

8 Ou, o que foram ver? **Um homem vestido de roupas finas?** Ora, os que usam roupas finas estão nos palácios reais.

9 Afinal, o que foram ver? **Um profeta?** Sim, eu digo a vocês, e mais que profeta.

10 Este é aquele a respeito de quem está escrito:

**'Enviarei o meu mensageiro  
à tua frente;  
ele preparará o teu caminho diante de ti'.**

11 Digo a verdade a vocês: Do meio dos nascidos de mulher **não surgiu ninguém maior do que João Batista;** todavia, o menor no Reino dos céus é maior do que ele.

12 Desde os dias de João Batista até agora, o Reino dos céus é tomado à força, e os que usam de força se apoderam dele.

13 Pois todos os Profetas e a Lei profetizaram até João.

14 E se vocês quiserem aceitar, este é o Elias que havia de vir.

15 Aquele que tem ouvidos, ouça!

16 "A que posso comparar esta geração? São como crianças que ficam sentadas nas praças e gritam umas às outras:

17 " 'Nós tocamos flauta,  
mas vocês não dançaram;  
cantamos um lamento,  
mas vocês não  
se entristeceram'.

18 Pois veio João, **que jejuava e não bebe vinho,** e dizem: 'Ele tem demônio'.

19 Veio o Filho do homem comendo e bebendo, e dizem: 'Aí está um comilão e beberrão, amigo de publicanos e pecadores'. Mas a sabedoria é comprovada pelas obras que a acompanham".

O momento em que JESUS exalta a pessoa do companheiro de ministério é um momento muito especial. É o único momento na vida de João em que vemos fraqueza, humanidade.

#### QUANDO JOÃO DUVIDOU

## Mateus 11

1 Quando acabou de instruir seus doze discípulos, Jesus saiu para ensinar e pregar nas cidades da Galileia.

2 João, ao ouvir na prisão o que Cristo estava fazendo, enviou seus discípulos para lhe perguntarem:

3 **"És tu aquele que haveria de vir ou devemos esperar algum outro?"**

4 Jesus respondeu: "Voltem e anunciem a João o que vocês estão ouvindo e vendo:

5 os cegos veem, os aleijados andam, os leprosos são purificados, os surdos ouvem, os mortos são ressuscitados, e as boas-novas são pregadas aos pobres;

6 e feliz é aquele que não se escandaliza por minha causa".

Mesmo após profecias de seu nascimento, mesmo após receber revelações e visões maravilhosas e ver sua pregação provocar a mudança genuína de milhares de pessoas, João ao ser preso, sabendo que sua morte se aproxima em virtude de uma mulher que age com perversidade, ele faz a questão que definiria se tinha valido ou não a pena viver e mesmo morrer. É você mesmo a quem eu devia anunciar, a quem eu devia separar e indicar como escolhido de Deus, ou eu errei? Você pode confirmar de algum modo que você é a pessoa certa?

A resposta deve ter alegrado e apaziguado o coração do profeta, se é que houve tempo para que eles respondessem a João.

## A ASSOCIAÇÃO COM ELIAS

E do mesmo modo João será associado a um outro profeta, que lhe legará a forma, o tipo de atuação, o *modo operantis* do PODER que sobre ele haveria.

Elias.

Elias é um dos profetas mais impressionantes já conhecidos da humanidade.

Elias foi um profeta conhecido por ter realizado grandes feitos em nome do Senhor. Por meio de suas profecias desceu fogo do céu, parou de chover por três anos sobre um território gigantesco, tornou a viver o filho de uma viúva, e entre outros, ele foi arrebatado em uma carruagem de fogo, e ainda, teria aparecido junto a Moisés durante a transfiguração de Jesus. Elias viveu no tempo do reinado de Acabe, e sua história está relatada na bíblia, mais precisamente no livro de I Reis.

De acordo com as Escrituras, por meio da ação do profeta caiu fogo do céu. Ocorreu que o rei era um adorador do deus Baal e enviou um comandante com cinquenta homens buscar o profeta. Assim que os homens chegaram para afrontá-lo, ele (que estava sentado sobre um monte) disse "Se sou homem de Deus que caia fogo do céu e os consuma". E assim foi feito.

Uma segunda vez o rei enviou outro comandante com mais cinquenta homens para buscá-lo e assim que os homens chegaram se comportando na mesma arrogância dos anteriores, ele (que continuava sentado sobre um monte) disse "Se sou homem de Deus que caia fogo do céu e os consuma". E assim foi feito, novamente.

Então, na terceira abordagem, o rei enviou um terceiro comandante com mais cinquenta homens para buscá-lo e assim que os homens chegaram fizeram uma abordagem diferente, agindo com humildade. O comandante desta vez pediu que o profeta tivesse compaixão pela vida dos cinquenta homens que ali estavam e fosse ter com o rei. Nesta hora um anjo apareceu e disse a Elias que poderia ir com eles.

Entre as referências feitas ao profeta, uma se destaca. Quando Jesus subiu ao monte para orar e houve uma transfiguração, com grande luz em sua face, que resplandecia, e foram vistos pelos discípulos que estavam com ele as figuras de Moisés e Elias.

Antes de ser arrebatado, deixou com Eliseu o seu manto, profeta que o sucedeu

#### A DIFERENÇA DA OPERAÇÃO DO ESPÍRITO DE DEUS

Não veremos, contudo, milagres ou sinais espetaculares no ministério de João Batista. Não fará chover fogo, não ressuscitará mortos, não curará enfermos. Não enfrentará exércitos ou será alimentado por corvos. As semelhanças são de viver parte de sua vida no deserto e suas vestimentas que são exatamente as mesmas que Elias vestia comumente, feita de peles de animais.

Como então se procede operar no “poder e virtude de Elias” se não haviam sinais visíveis ou sobrenaturais em seu ministério?

Malaquias 4

<sup>4</sup> Lembrai-vos da lei de Moisés, meu servo, que lhe mandei em Horebe para todo o Israel, a saber, **estatutos e juízos.**

<sup>5</sup> Eis que eu **vos enviarei o profeta Elias, antes que venha o grande e terrível dia do Senhor;**

<sup>6</sup> **E ele converterá o coração dos pais aos filhos, e o coração dos filhos a seus pais;** para que eu não venha, e fira a terra com maldição.

A operação do Espírito de Deus é diferente a partir de cada ser humano. Cada indivíduo recebe o poder divino segundo uma vocação única, intransferível. É diferente. Paulo compreendeu essa característica, de que o poder divino oriundo da mesma fonte e operado pelo mesmo Espírito realiza coisas diferentes.

Ora, há diversidade de dons, mas o Espírito é o mesmo.

E há diversidade de ministérios, mas o Senhor é o mesmo.

E há diversidade de operações, mas é o mesmo Deus que opera tudo em todos.

Mas a manifestação do Espírito é dada a cada um, para o que for útil.

1 Coríntios 12:4-7

A missão de Elias em sua época era CONVERTER o coração da nação israelita da adoração de BAAL, de um falso e cruel deus, à adoração do deus verdadeiro. Estavam vivendo debaixo de profunda idolatria, onde se envolviam com sacrifícios humanos, mutilações e rituais mágicos horrendos, e caminhado a passos largos para a prostituição cultural, onde em determinado momento os israelitas venderiam suas filhas para templos onde seriam prostituídas em nome da religião, em honra de divindades CONSORTES, ou da esposa de BAAL e outras divindades congêneres ou da mesma espécie. O poder VISÍVEL operando em Elias visava a evangelização. Visava a CONVERSÃO em massa da nação israelita. Cativos de religiões obscenas eles perdiam o conhecimento e prática das leis de Moisés, distanciando-se da revelação divina.

#### O COMPLEMENTO ESSENCIAL DA MISSÃO

A missão de João é do mesmo caráter. Com uma grande variante:

Malaquias 3

1 “Eis que **Eu enviarei o meu mensageiro, que preparará o caminho diante da minha pessoa.** E então, de repente, o Senhor, a quem buscais, o Anjo da Aliança, a quem vós desejais, virá para o seu Templo. E ele certamente vem!” Anuncia o Senhor dos Exércitos.

2 Contudo, quem suportará o dia da sua vinda? Quem permanecerá de pé quando ele surgir? Pois ele será como o fogo do ourives e como o sabão do lavandeiro....

Isaías 40

Voz do que clama no deserto: Preparai o caminho do SENHOR; endireitai no ermo vereda a nosso Deus. Todo vale será exaltado, e todo monte e todo outeiro serão abatidos; e o que está torcido se endireitará, e o que é áspero se aplainará. E a glória do SENHOR se manifestará, e toda carne juntamente verá que foi a boca do SENHOR que disse isso.

A força do poder que operava em João é tão grande quanto a que operava em Elias. E provavelmente, muito maior. João veio para prepara o mundo cerca de três anos antes da missão do Messias.

A palavra na boca de João manifestava poder para transformação de vidas, **numa dimensão que somente os ninivitas conheceram diante da pregação de Jonas.**

O que a "virtude e o poder de Elias" realizavam a níveis de sinais, prodígios e maravilhas, em João Batista o Espírito Santo operou para SALVAÇÃO. Um evangelho simples, uma pregação resumida, um convite ao arrependimento quase irresistível, que era capaz de conquistar até SOLDADOS ROMANOS.

O mundo romanizado é uma mistura de religiões, sensualidade, poder, dominação, escravagismo e política. É um mundo de leis rígidas, supremacia italiana, jugo romano sob leis e impostos pesados, restrição dos direitos civis e religiosos, com crimes contra o estado tratados de maneira brutal. Um mundo de sincretismo religioso onde o obsceno atinge seu APOGEU. Que o diga as Saturnais, as Bacantes, os mistérios de Eleusis, as festividades a Dionísio e os cultos a Diana. Os termos bacanal e orgiaco nascem de algumas destas comemorações. Os banquetes dos chefes de estado, dos magistrados e dos diversos governadores e oficiais administrativos impostos aos povos conquistados eram festas políticas onde mulheres, adolescentes, eunucos eram oferecidos para o prazer dos convivas, em grandes salões, onde o sexo ocorria ainda no decorrer dos banquetes, fosse em recintos separados ou mesmo no mesmo salão do banquete principal.

Num mundo de sofisticação filosófica e de herança grega onde o racionalismo contaminara até parte da elite judaica e até a religião. Parte dos sacerdotes que ocupavam cadeiras ou posições no templo eram saduceus, uma seita que interpretava as Escrituras de modo humanizado. De modo sócio-literário, desprezando o conteúdo sobrenatural e reduzindo as Escrituras a um tratado de ética e moral.

Pouco antes de Jesus nascer o mundo já havia conhecido oradores e personagens célebres de repercussão internacional. O mundo grego-romano acrescentou a retórica como arte e a filosofia já tinha um espaço gigantesco como ciência dentro do pensamento dos domínios romanos, uma Grécia conquistada que mais tarde formaria o pensamento dos povos ocidentais. Caminhando da sabedoria árabe, semita, egípcia e oriental, o mundo havia sido também impactado pelas vozes dos filósofos Tales de Mileto, Xenófanes de Colofão, Zenão de Eléia, Anaximandro, Anaximandro de Mileto, Heráclito, Parmênides, Anaxímenes, Anaxágoras, Protágoras, Pitágoras, Sócrates, Aristipo de Cilene, Platão, Aristóteles, Pirro, Epicuro, Zenão, Euclides de Alexandria, Arquimedes, Carnéadas, Cícero, Lucrécio. Sêneca nascerá já na geração de Jesus.

O mundo era shamanico, mágico, onde já havia o taoísmo, budismo, zoroastrismo, os textos de religiões de mistério, textos védicos onde o Mabaratha já se incorporava a quase dez mil versos dos livros em sânscrito de literatura védica.

O poder em João Batista enfrenta o mundanismo de seu tempo com uma mensagem de transformação, cheia de Autoridade Espiritual que podia conduzir ao arrependimento e mesmo a SALVAÇÃO, **nos moldes da operação do Espírito de Deus no Velho Testamento.** A mensagem na boca de João era poderosa para SALVAR A ALMA, ainda que não fosse completada pela mensagem de JESUS. Sem CRISTO a salvação não se completa, os crentes a partir de João são, claro, INCOMPLETOS, não receberiam o ESPÍRITO SANTO, não receberiam os benefícios do calvário, nem a regeneração do Espírito, mas, quando morressem, alcançassem o Juízo, para os que se

arrependeram com a pregação de João, haveria certamente Graça, misericórdia e justificação, quando CRISTO os confrontasse, ainda que tardiamente. "Vinde benditos de meu Pai" é o que escutarão. (Um Batista pode ter um enfarte do miocárdio ao ler esse texto descuidadamente...)

## A NOVIDADE DO BATISMO

Não conhecemos todas as revelações que geram o ministério de João, mas sabemos que uma das ordens que realizava era o batismo nas águas, coisa que era DESCONHECIDA do ministério Levita e de tal SIGNIFICADO que ele FAZ parte das ordenanças da IGREJA DE CRISTO. O batismo que João realizava foi transportado como RITUAL SOLENE para as poucas liturgias oficiais ordenadas para a igreja em todas as eras.

O grupo nascido em torno de Jesus que também batiza (Jo 3,22; 4,1-2).

22 Depois disto foi Jesus com os seus discípulos para a terra da Judéia; **e estava ali com eles, e batizava.**

23 Ora, **João batizava também** em Enom, junto a Salim, porque havia ali muitas águas; e vinham ali, e eram batizados.

26 E foram ter com João, e disseram-lhe: **Rabi, aquele que estava contigo além do Jordão, do qual tu deste testemunho, ei-lo batizando, e todos vão ter com ele.**

João 3:22-36

O início do ministério de Jesus é o batismo no rio Jordão. Logo após esse ato, Jesus inicia a evangelizar e certamente também a BATIZAR. Assim que ele conseguir ou nomear discípulos dedica-se somente a pregação e a ministração de curas, deixando os discípulos darem continuidade ao processo de batismo.

João, apóstolo testifica que Jesus e seus discípulos batizavam no início " Depois disto foi Jesus com os seus discípulos para a terra da Judéia; **e estava ali com eles, e batizava**". Logo após, no evangelho de João, é afirmado, no capítulo 4 que, na verdade, eram os discípulos que batizavam. ( 2 Ainda que Jesus mesmo não batizava, mas os seus discípulos).

Provavelmente Jesus começou, enquanto só, a batizar como seu primo, **até chegarem ou serem escolhidos os companheiros de ministério.**

## OS DOIS BATISMOS

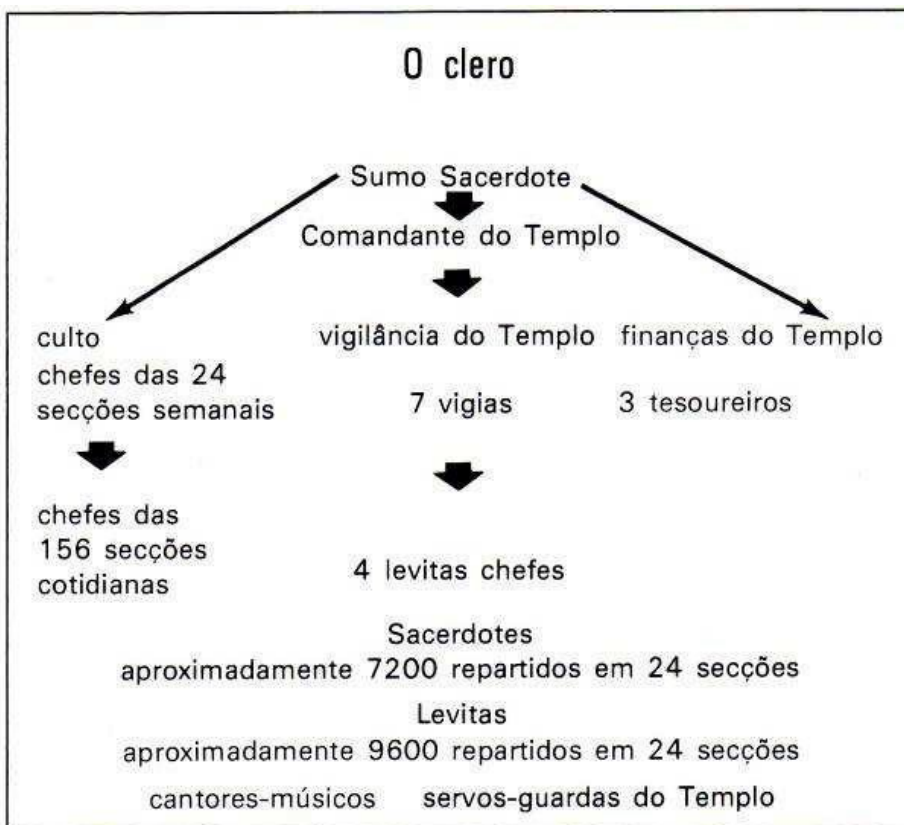
O batismo de João Batista, que é aprofundado em Cristo, possui um significado muito profundo porque era algo NOVO, algo que SUBSTITUIA ao sacrifício no templo! Ele fazia, uma única vez, aquilo que era simbolizado pelo sacrifício da pascoa, realizado na sexta-feira santa, ou no dia da EXPIAÇÃO, o yom kippur, o mais sagrado sacrifício anual judaico, onde a nação solicitava o perdão pelos seus pecados. O batismo exclui o rito levítico, não considera o templo, não considera ao sacerdócio, ao culto.

Os discípulos de João Batista testemunham, ao que tudo indica, a Jesus batizando, o reconhecem como aquele que estivera no Jordão com seu mestre, João Batista e ficam preocupados. Enciumados. Aparentemente, João, o apóstolo, chega em determinado instante no ministério de Jesus no qual ele TRANSFERIU aos discípulos a incumbência do batismo, no qual COPIAVA literalmente o ritual realizado por João Batista. Não que isso seja falta de personalidade por parte do Senhor da Glória. Estava repetindo ou CONFIRMANDO a natureza da revelação. O Espírito Santo lhe indicara a mesma coisa. Creio que Jesus inicia seu ministério BATIZANDO como seu primo João e chamando igualmente ao arrependimento e à remissão de pecados. O BATISMO é uma revelação do Espírito de Deus que possuía eco em muitas religiões gentílicas. O banho ritual em rios mágicos ou divinos, em fontes de águas onde habitavam espíritos, poderes ou divindades não era coisa desconhecida nessa época. Jesus usaria um ritual antigo, praticado por religiões de mistérios gregas, por parte de

tribos germânicas, por diversas comunidades indígenas ao redor do mundo e também por religiões indianas, num contexto completamente novo. A água era de natureza cósmica em muitas religiões. A natureza e mesmo as divindades da maioria dos povos, em suas tradições míticas, em suas histórias e mitos da Criação, em sua teogonia ou cosmogonia fazia alusão ao mundo e aos deuses nascidos da água, do mar original. Porque em suas cosmologias, hindus, egípcias, gregas, babilônicas, em diversos mitos da criação ficaram trechos, pedaços, alusões, referências a GENESIS. O mar que gerava os monstros e o caos original, o mar pré-existente de onde nasceriam os deuses, era na verdade o resquício da visão relatada a Moisés, ou transmitida aos descendentes de Adão, onde o Espírito de Deus pairava sobre a face das águas primordiais. E que depois virou mitologia internacional.

João realiza então, pelo batismo, um ato que reúne todas as práticas de remissão do templo, no qual converge toda a religião e toda a Lei do Velho Testamento. Ele é uma transgressão ao revelado a Moisés! Um ato profético que institui algo que NÃO CONSIDERAVA AO SACERDÓCIO!

João está na prática dizendo que o Espírito já não concordava com o sacerdócio Levítico. Que DESCONSIDERAVA Anás, Caifás, suas famílias e os atos de cerca de 9600 LEVITAS que se revezavam em serviços de 5 dias uma vez ao ano, mais 24 turmas sacerdotais. Em número de 7 mil mais ou menos, os sacerdotes eram encarregados de oferecer os sacrifícios no Templo e de conservar a sua parte central. Mas não há necessidade de tanta gente para atender às necessidades habituais do culto. Eles são, pois, divididos em 24 classes ou equipes,



João recebeu uma revelação dramática de um ritual QUE SUBSTITUIA TODA A ORTODOXIA, TODOS OS RITUAIS, TODOS OS SERVIÇOS, TODOS OS SACRIFÍCIOS, DE UMA RELIGIÃO.

João Batista dava início ao cumprimento da profecia de Samuel, 1000 anos anterior:

I Samuel 2.30...35 Portanto, diz o SENHOR, Deus de Israel: Na verdade, dissera eu que a tua casa e a casa de teu pai andariam diante de mim perpetuamente; porém, agora, diz o SENHOR: Longe de mim tal coisa, porque aos que me honram, honrarei, porém os que me desprezam serão desmerecidos. ... Então, suscitarei para mim um sacerdote fiel, que procederá segundo o que tenho no coração e na mente; edificar-lhe-ei uma casa estável, e andaré ele diante do meu ungido para sempre.

Já havia 1000 anos que o sacerdócio Levítico receberá uma carta de desmissão. No livro de Malaquias 430 anos antes de João Batista podemos ver a completa degradação do sentido do santuário:

Malaquias 1

...7Trazendo **comida impura** ao meu Altar! E ainda assim indagam: 'De que maneira te desonramos?' Quando, de fato, estais declarando, mediante vossa atitude, que a mesa do Senhor sem importância e desprezível. 8 Quando ofereceis em sacrifício **um animal cego**, isso não é errado? E quando ofereceis **animais aleijados ou doentes**, isso também não é errado? Ora, vai e apresenta-os ao vosso governador humano. Será que ele ficará feliz com tal presente? Ele terá satisfação em atendê-los?" Questiona o Eterno Todo-Poderoso. 9"Suplicai, pois, agora mesmo chãnan, graça e favor de Deus, para que tenha compaixão de nós. Com esse tipo de oferta, será que ele vos atenderá?" Indaga o SENHOR dos Exércitos....

João Batista, levita, profeta no lugar de sacerdote, vem anunciar o MESSIAS que é na verdade o REPRESENTANTE do novo sacerdócio que substituirá DEFINITIVAMENTE ao sacerdócio Levítico.

O Livro de Hebreus no capítulo 8 observa:

Porque, se aquela primeira aliança tivesse sido perfeita, não teria havido necessidade de se buscar uma segunda aliança. 8 E, de fato, Deus viu que o seu povo tinha falhado, e disse por meio do profeta Jeremias:

"Virão dias—diz o Senhor—

quando estabelecerei uma nova aliança com o povo de Israel e com o povo de Judá.

Esta aliança não será como aquela que Eu fiz com os seus antepassados

no dia em que os levei pela mão e os tirei da terra do Egito.

Eles não foram fiéis à aliança que Eu tinha feito com eles,

e Eu me afastei deles—diz o Senhor.

Portanto, a aliança que estabelecerei com o povo de Israel

no futuro será assim:

Eu imprimirei as minhas leis nas suas mentes

e também as escreverei nos seus corações.

Dessa forma, Eu serei o seu Deus,

e eles serão o meu povo.

11

Ninguém jamais terá que ensinar ao seu próximo, ou ao seu irmão,

dizendo: Conheça ao Senhor;—

porque todos me conhecerão, desde o menos importante até o mais importante.

12

E Eu perdooarei as faltas que eles cometerem,

e jamais me lembrarei dos seus pecados".

13 Ao chamar esta aliança "nova", Ele tornou velha a primeira. Ora, aquilo que se torna velho e antigo, logo desaparecerá.

Jesus estabeleceria um novo sacerdócio, não segundo a ordem a que pertencera Zacarias, o pai de João. E sim segundo uma misteriosa ordem sacerdotal, a de MELQUISEDEQUE, que não é o tema desse estudo. Mas, pode ser visto aqui:

[https://docs.google.com/document/d/11RdKOw94\\_PZIVX77NXwmXrw1nJQ0e8xjlnBLWqE1oo/edit?usp=sharing](https://docs.google.com/document/d/11RdKOw94_PZIVX77NXwmXrw1nJQ0e8xjlnBLWqE1oo/edit?usp=sharing)

O batismo é então um ritual de significados espetaculares que colocam o mundo de rituais levíticos num saco, de uma só feita, traduz com uma imersão ou como entenderem outros, por aspersão, a um mundo de realidades espirituais. **Essa simplificação nos conduz ao EVANGELHO, que também é muito simples**, onde tudo que o ser humano necessita é crer com o coração e confessar essa fé com sua boca no testemunho de Deus a respeito de Cristo, que Ele é verdadeiramente o Filho do Deus vivo. Se confessarmos e cremos no seu Senhorio, esse ato simples nos atinge com toda a força dos céus. Um ato singelo de fé substitui 1000 anos de tabernáculo, 900 anos de rituais no templo. Abre portais da eternidade, nos dá acesso à poderes celestiais, enche-nos de uma natureza divina antes inexistente, ou amortecida, nos concede a vida eterna.

Haverá uma superioridade, um aprofundamento no batismo da Igreja, em relação ao que João realizava, onde a ele serão somados os significados da morte e ressurreição em Cristo. O batismo de João é de arrependimento. O da igreja de Cristo, de sepultamento e ressurreição. Na imersão na água, um símbolo de morte, representa Cristo descendo as partes inferiores da terra, na subida da água, a ressurreição, representa a ressurreição e ascensão de Jesus. O batismo significa morri para o pecado e renasci para a virtude. Morri para o mal, renasci para o bem. Morri para meu egoísmo e renasci para o amor de Deus. Deixo de lado minha vontade e começo a viver segundo a vontade de Deus. Deixo de ser guiado pelas minhas escolhas e início a aventura de ser guiado pelas escolhas do Espírito Santo. O batizado diz que não pertence mais ao mundo segundo o espírito deste século, segundo a moral ou os costumes da sociedade vigente. Significa que a Lei do Espírito e da Vida possui SOBERANIA sobre as leis que sigo, que guardo, que me cercam. Simboliza migrar de um universo para outro, onde leis que regem os anjos agora também fazem parte de minha existência. O batismo é símbolo de muitas coisas. O batismo não realiza, por si só, nada disso. O batismo APONTA para o que CRER com o coração e CONFESSAR com a boca faz em nossos interiores. O batismo é a visualização dos efeitos da conversão. É um testemunho, que produz efeitos espirituais diversos, sendo um deles, afirmar nossa fé, identificarmo-nos com a igreja, rito que tem um poderoso efeito em fortalecer nossa fé. Já que é semelhante ao anel de noivado, ao voto de compromisso, um evento público onde o crente em Cristo se posiciona, assumindo uma responsabilidade. A salvação não depende do batismo, mas, certamente o batismo apoia, ajuda os propósitos relacionados à salvação.

## O PROFETA

A palavra profeta vem (do grego: προφήτης, prophétes ou profétés, feminino profetisa) é um indivíduo que alega ter sido contactado pelo sobrenatural ou divino e que fala por eles, servindo como um intermediário com humanidade, passando, este novo conhecimento descoberto, da entidade sobrenatural para as outras pessoas.[1] A mensagem transmitida pelo profeta é chamada de Profecia. A palavra em português Profeta origina-se da palavra grega προφήτης(prophétes), seu significado vindo de advogar ou discursar em público.

Em latim propheta, "interprete" ou "porta-voz" especialmente dos deuses, "inspirado pregador ou professor", de pro - "à frente, mais adiante" ou "para, em nome de", mais a raiz phanai - "falar". Ou seja, uma pessoa que falava "o que ia acontecer mais adiante" ou "em nome de alguém".

No Velho Testamento, a palavra "profeta" é a possivelmente tradução do hebraico **nabique**, por sua vez vem de uma raiz que significa "borbulhar", como a água de uma fonte.



Em Hebraico, a palavra נָבִי (– o hebraico se lê da direita para a esquerda), porta-voz, tradicionalmente se traduz como profeta. A segunda subdivisão da Bíblia hebraica, Tanakh (para a Torá, Neviim, Ketuvim), é dedicada aos profetas hebreus. O significado de nabí é talvez descrito em Deuteronômio 18:18,[6] onde Deus disse: "...Eis lhes suscitarei um profeta do meio de seus irmãos, como tu, e **porei as minhas palavras na sua boca**, e ele lhes falará tudo o que eu lhe ordenar". Assim, o nabí foi pensado para ser a "boca" de Deus. A raiz alef-bet-nun(nabi) parece com uma boca aberta.

Os profetas bíblicos, pessoas reconhecidas como profetizas, conhecidos ou nomeados, que profetizaram com a anotação de suas profecias, cânticos proféticos, revelações ou visões , no Velho Testamento, são os seguintes, nas épocas aproximadas que profetizaram:

Ano AC	Nome	Referência
3382/3017	<a href="#">Enoque</a>	Gênesis 5:21-24; Judas 1: 14.
2948/1998	<a href="#">Noé</a>	Gênesis 9: 25-27.
1996/1821	<a href="#">Abraão</a>	Gênesis 20:7
1836/1689	<a href="#">Jacó</a>	Gênesis 49: 1
1571/1451	<a href="#">Moisés</a>	Deuteronômio 18: 18.
1582/1452	<a href="#">Miriã</a>	Êxodo 15:20.
1285.	<a href="#">Débora</a>	Juízes 4:4.
1245.	<a href="#">Profeta enviado a Israel</a>	Juízes 6:8.
1127.	<a href="#">Profeta enviado a Eli</a>	1 Samuel 2:27.
1136/1056	<a href="#">Samuel</a>	1 Samuel 3:20.
1085/1015	<a href="#">Davi</a>	Salmos 16:8-11. Atos 2:25-31
1080/1010	<a href="#">Gade</a>	1 Samuel 22:5; 1Crônicas 29:29.
1070/1005	<a href="#">Natã</a>	2 Samuel 7:2; 12:1; 1Reis 1:10.
1060/985	<a href="#">Zadoque</a>	2 Samuel 15:27.
1050/975	<a href="#">Jedútum</a>	2 Crônicas 35:15.
1020/955	<a href="#">Aías</a>	1 Reis 11:29; 12:15; 2 Crônicas 9:29.
1015/950	<a href="#">Semaías</a>	1 Reis 12: 22; 2 Crôn. 11:2; 2 Crôn.12:7.
1013/975	<a href="#">Ido</a>	2 Crônicas 9:29 2 Crônicas 12:15.
1013/975	<a href="#">Profeta de Judá</a>	1 Reis 13:1.
978/918	<a href="#">Azarias, filho de Odede</a>	2 Crônicas 15:1-7 .
1005/930	<a href="#">Hanâni</a>	2 Crônicas 16:7-10 .
972/895	<a href="#">Jeú, filho de Hanâni.</a>	1 Reis 16:1-7, 2 Crônicas 19:2, 20:34 .
950/885	<a href="#">Micaías filho de Inlá</a>	1 Reis 22:8-2
949/896	<a href="#">Elias</a>	1 Reis 17:1.
920/830	<a href="#">Joel</a>	Joel 1:1; Atos 2: 16.
915/839	<a href="#">Eliseu</a>	1 Reis 19:16.
848/775	<a href="#">Jonas</a>	2 Reis 14:25; Jonas 1:1; Mateus 12:39-41;16:4; Lucas 11:29-3
780/680	<a href="#">Isaías</a>	2 Reis 19,20. 2 Crôn. 26:22;32:20-32; Isaías.1:1.
790/690	<a href="#">Oseias</a>	Oseias 1:1.
800/720	<a href="#">Amós</a>	Amós 1:1; 7:14,15.
775/705	<a href="#">Odede</a>	2 Crônicas 28:9.
775/705	<a href="#">Miqueias</a>	Miqueias 1:1.
660/600	<a href="#">Sofonias</a>	Sofonias 1:1.
655/585	<a href="#">Hulda</a>	2 Reis 22:14
620/540	<a href="#">Obadias</a>	Obadias 1:1
700/630	<a href="#">Naum</a>	Naum 1:1

645/580	<a href="#">Habacuque</a>	Habacuque 1: 1.
659/569	<a href="#">Jeremias</a>	2 Crônicas 36:12,21. Jeremias 1:1,2.
629/559	<a href="#">Ezequiel</a>	Ezequiel 1:3.
605/530	<a href="#">Daniel</a>	Daniel 12:11. Mateus 24:15.
580/510	<a href="#">Ageu</a>	Esdras 5:1; Esdras 6:14. Ageu 1:1.
560/490	<a href="#">Zacarias</a>	Filho de Ido. Esdras 5:1; Zacarias 1:1
456/386	<a href="#">Malaquias</a>	Malaquias 1:1.

O anúncio da Lei ocorrera cerca de 1500 anos antes do ministério de João Batista. O último profeta que deixa profecias escritas nas Escrituras é Malaquias, cerca de 430 anos antes de Jesus.

### O EVANGELHO DE JOÃO BATISTA

3 E percorreu toda a terra ao redor do Jordão, pregando o batismo de arrependimento, para o perdão dos pecados;

4 Segundo o que está escrito no livro das palavras do profeta Isaías, que diz: Voz do que clama no deserto: Preparai o caminho do Senhor; Endireitai as suas veredas.

5 Todo o vale se encherá, E se abaixará todo o monte e outeiro; E o que é tortuoso se endireitará, E os caminhos escabrosos se aplanarão;

6 E toda a carne verá a salvação de Deus.

7 Dizia, pois, João à multidão que saía para ser batizada por ele: Raça de víboras, quem vos ensinou a fugir da ira que está para vir?

8 Produzi, pois, frutos dignos de arrependimento, e não comeceis a dizer em vós mesmos: Temos Abraão por pai; porque eu vos digo que até destas pedras pode Deus suscitar filhos a Abraão.

9 E também já está posto o machado à raiz das árvores; toda a árvore, pois, que não dá bom fruto, corta-se e lança-se no fogo.

10 E a multidão o interrogava, dizendo: Que faremos, pois?

11 E, respondendo ele, disse-lhes: Quem tiver duas túnicas, reparta com o que não tem, e quem tiver alimentos, faça da mesma maneira.

12 E chegaram também uns publicanos, para serem batizados, e disseram-lhe: Mestre, que devemos fazer?

13 E ele lhes disse: Não peçais mais do que o que vos está ordenado.

14 E uns soldados o interrogaram também, dizendo: E nós que faremos? E ele lhes disse: A ninguém trateis mal nem defraudeis, e contentai-vos com o vosso soldo.

15 E, estando o povo em expectativa, e pensando todos de João, em seus corações, se porventura seria o Cristo,

16 Respondeu João a todos, dizendo: Eu, na verdade, batizo-vos com água, mas eis que vem aquele que é mais poderoso do que eu, do qual não sou digno de desatar a correia das alparcas; esse vos batizará com o Espírito Santo e com fogo.

17 Ele tem a pá na sua mão; e limpará a sua eira, e ajuntará o trigo no seu celeiro, mas queimará a palha com fogo que nunca se apaga.

18 E assim, admoestando-os, muitas outras coisas também anunciava ao povo.

19 Sendo, porém, o tetrarca Herodes repreendido por ele por causa de Herodias, mulher de seu irmão Filipe, e por todas as maldades que Herodes tinha feito,

20 Acrescentou a todas as outras ainda esta, a de encerrar João num cárcere.

21 E aconteceu que, como todo o povo se batizava, sendo batizado também Jesus, orando ele, o céu se abriu;

22 E o Espírito Santo desceu sobre ele em forma corpórea, como pomba; e ouviu-se uma voz do céu, que dizia: Tu és o meu Filho amado, em ti me comprazo.

Temos muito pouco das palavras de João Batista. Mas o pouco que dele lemos são profundas revelações espirituais. Ele já conhecia antes de qualquer apóstolo a natureza do Messias, a filiação de Cristo, seu domínio sobre TUDO! Sua ORIGEM CELESTIAL! João revela a natureza sobrenatural e DIVINA de Jesus antes que PAULO a traduza de forma tão nítida. João SABE que a VIDA ETERNA procede de Jesus! João sabe o que é vida eterna! Ele está além do conhecimento sobre as coisas divinas que os maiores rabinos de sua época. Ele traduz em uma citação o mistério da eternidade, a razão de ser do ministério de JESUS.

**Aquele que crê no Filho tem a vida eterna; mas aquele que não crê no Filho não verá a vida, mas a ira de Deus sobre ele permanece**

JOÃO BATISTA PREGANDO SOBRE JESUS NO EVANGELHO DE JOÃO, APÓSTOLO:

27 João respondeu, e disse: O homem não pode receber coisa alguma, se não lhe for dada do céu.

28 Vós mesmos me sois testemunhas de que disse: Eu não sou o Cristo, mas sou enviado adiante dele.

29 Aquele que tem a esposa é o esposo; mas o amigo do esposo, que lhe assiste e o ouve, alegra-se muito com a voz do esposo. Assim, pois, já este meu gozo está cumprido.

30 É necessário que ele cresça e que eu diminua.

31 Aquele que vem de cima é sobre todos; **aquele que vem da terra é da terra e fala da terra. Aquele que vem do céu é sobre todos.**

32 E aquilo que ele viu e ouviu isso testifica; e ninguém aceita o seu testemunho.

33 Aquele que aceitou o seu testemunho, esse confirmou que Deus é verdadeiro.

34 Porque aquele que Deus enviou fala as palavras de Deus; pois não lhe dá Deus o Espírito por medida.

35 **O Pai ama o Filho, e todas as coisas entregou nas suas mãos.**

36 Aquele que **crê no Filho tem a vida eterna; mas aquele que não crê no Filho não verá a vida, mas a ira de Deus sobre ele permanece.**

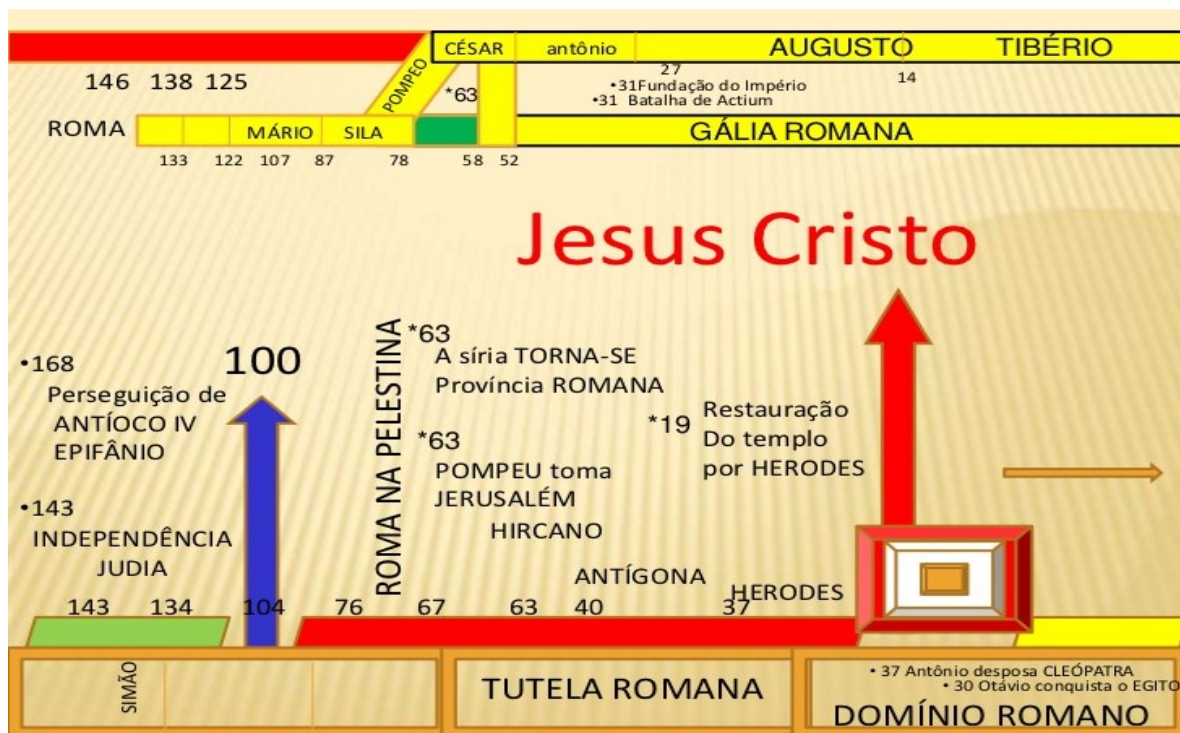
João 3:27-36

## O RELATO DA DECAPITAÇÃO

O relato bíblico representa a decapitação de João Batista por Herodes Antipas (em Mateus 14:1-12. Marcos 6:14-29 e Lucas 9:7-9). De acordo com os evangelhos sinóticos, Herodes mandou prender João por ele o ter admoestado por se divorciar de sua esposa (Faséla - Phasaelis) e, ilegitimamente, tomar como amante Herodias, a esposa de seu irmão Herodes Filipe I. No aniversário de Herodes, a filha de Herodias (tradicionalmente chamada de Salomé) dançou perante o rei e seus convidados. Sua dança agradou tanto Herodes que, bêbado, ele prometeu a ela qualquer coisa que desejasse,

limitando a promessa em metade de seu reino. Quando a filha perguntou à mãe o que deveria pedir, Herodias pediu que ela pedisse a cabeça de João Batista numa bandeja. Mesmo chocado com o pedido, Herodes relutantemente concordou e mandou executar João na prisão.

O historiador judeu Flávio Josefo também relata, em suas "Antiguidades Judaicas", que Herodes mandou matar João, afirmando que ele o fez "pois a grande influência que João tinha sobre o povo poderia colocar em suas [de João] mãos o poder e a vontade de levantar uma rebelião, (pois o povo parecia pronto para fazer o que quer ele pedisse), [assim Herodes] pensou que o melhor seria eliminá-lo". Ele afirma ainda que muitos dos judeus acreditavam que o desastre militar que sobreveio a Herodes pelas mãos de Aretas, seu sogro (pai de Fasélia), fora uma punição por seu comportamento no caso de João



## O PRIMEIRO FLASH BACK DA HISTÓRIA

Em Marcos, João Batista desaparece de cena depois de informar que ele foi preso, ainda no primeiro capítulo. Ele apenas reaparecerá, cronologicamente bem depois de sua morte, na memória de Herodes no versículo catorze do sexto capítulo. **Aqui, o escritor usa um recurso textual praticamente inédito não apenas nesse evangelho como em toda a escritura, judaica ou grega: o da rememoração de fatos em ordem inversa.**

O rei Herodes ouviu falar de Jesus, pois o seu nome tornara-se famoso. Uns diziam: "João, o Batista, res- suscitou dos mortos: eis por que o poder de fazer milagres atua nele". Outros diziam: "É Elias. Outros diziam: É um profeta semelhante a um dos nossos profetas". Ao ouvir essas afirmações, Herodes dizia: "Este João que mandei decapitar, é ele que ressuscitou". De fato, Herodes mandara prender João e o acorrentara na prisão, por causa de Herodíades, mulher do seu irmão Filipe, que ele desposara. Porque João dizia a Herodes: "Não te é lícito ter contigo a mulher do teu irmão". Por

isto, Herodíades, o odiava e procurava matá-lo, mas não podia, pois Herodes temia João, sabendo que era homem justo e santo, e o protegia. Ao ouvi-lo, ficava muito perplexo; entretanto, ele o escutava de bom grado. (Marcos, 6, 14-20, itálico nosso)

Comentando Marcos no Guia Literário da Bíblia, editado e organizado por Frank Kermode e Paul Alter, John Dudry menciona que

#### A DESCRIÇÃO DO DRAMA DE JOÃO EM MARCOS

Os expedientes de Marcos são mais sofisticados tecnicamente. Seu relato da morte de João alude à morte de Jesus. Ela também é narrada com uma complexidade temporal quase proustiana. O fio de eventos deve ter sido: o motivo para a captura de João, João preso, João morto, João possivelmente ressuscitado. Mas Marcos retrocede. Começa com Herodes supondo que Jesus é João ressuscitado dos mortos em 6:14, menciona a morte de João em 6:16, seu aprisionamento em 6:17 e o motivo para isso em 6:18. A ordem da recordação é o inverso da ordem histórica. Apenas em 6:21 o tempo real e o tempo narrado movem-se juntos. Mas quando finalmente se sincronizam, eles o fazem com mais energia por terem resultado desse início circular. O pequeno conto resultante, complexo e horrivelmente fascinante atraiu Flaubert, Wilde e Richard Strauss, que o desenvolveram. Começar por um recuo: esse poderoso estratagema de abertura está obviamente aqui. Está oculto, ao menos para os leitores modernos, no prólogo do Evangelho que, como uma chave para toda a história subsequente, merece estrita atenção. (1997, p. 438).

O Herodes de Marcos também resulta menos suscetível à opinião do povo que, nos termos de Mateus, observa em João um profeta e o respeita por isso, o escuta. Enquanto o Herodes de Mateus deseja matá-lo, mas não o faz por temer a reação do povo, o de Marcos não o faz "porque sabe que ele era homem justo e santo, e o protegia" (1987, p. 119). Essa pequena diferença entre os dois relatos, porém importante em termos de sutileza literária e de interpretação crítica, é de central importância para a análise do episódio, pois revela um Herodes mais sensível a figuras de justiça e decência. Assim, o covarde de Mateus torna-se, em Marcos, um defensor, mesmo que ainda covarde e reticente, da "justiça" do condenado. Com esse pequeno adendo, o autor de Marcos diminui a culpabilidade de Herodes para a decapitação do profeta.

Mas essa diminuição da culpabilidade do monarca é então transferida para a figura de Herodias. Se em Mateus o desejo assassino é duplo, do rei e da rainha, já em Marcos se imputa a responsabilidade somente à Herodias, diminuindo também com isso, a culpa de Salomé. Essa centralidade do desejo da mãe de obter a morte de João também é reforçada pela expressão do versículo 21, que abre com a expressão "Mas chegando o dia propício..." (1987, p. 119), que reforça o plano de vingança da rainha contra o profeta. Sobre essa expressão, ausente em Mateus, Mendonça em A dança de Salomé na literatura e nas artes, afirma que ela "pode sugerir um procedimento ardiloso, uma conspiração até, previamente arquitetada" para obter do rei um tipo de armadilha discursiva que o obrigasse a condenar João (2007, p. 28). O relato de Marcos sobre a dança da filha de Herodias e seu posterior efeito sobre o rei e seus convidados reforça essa hipótese.

Usando a expressão de Dudry, é esse "complexo e horrivelmente fascinante" ato simbólico da dança de Salomé que precisa ser investigado e o modo como os processo narrativos do pequeno relato reforçam essa impressão, mesmo em sua economia. Nesse sentido, quais as razões que levaram o escritor de Marcos a supervalorizar o episódio, a ponto de interromper sua narrativa principal – na qual os atos e milagres de Jesus são descritos – para inserir um episódio na corte do rei Herodes, fruto de uma de uma lembrança? Por que fazer isso com uma personagem secundária, nitidamente desinteressante como Herodes e não com personagens como João ou Jesus, tão centrais e fundamentais para os seus objetivos informativo-religiosos? O restante da passagem intensifica ainda mais a importância dessas perguntas.

#### O ANIVERSÁRIO DE HERODES

Mas, chegou o dia propício quando Herodes, por ocasião do seu aniversário, deu um banquete a seus dignitários, aos seus oficiais e às grandes personalidades da Galiléia. A filha de Herodíades veio executar uma dança e agradou a Herodes e a seus convivas. O rei disse à moça: "Pede-me o que

quiseres e eu to darei". E fez-lhe este juramento: "Tudo o que me pedires eu to darei, mesmo que seja a metade do meu reino". Ela saiu e disse à mãe: "Que é que vou pedir?" Esta respondeu: "A cabeça de João, o Batista". A toda a pressa, ela tornou à presença do rei e lhe pediu: "Quero que me dê imediatamente, sobre um prato, a cabeça de João, o Batista". O rei contristou-se, mas por causa do seu juramento e dos convivas, não quis recusar-lhe. Imediatamente, o rei mandou um guarda com ordem de trazer a cabeça de João. O guarda foi decapitá-lo na prisão, trouxe a cabeça sobre um prato, deu-a a moça e a moça deu-a a sua mãe. (Marcos 6:21-29)

#### A DANÇA DE SALOMÉ

Primeiramente, deve-se enfatizar a expressão usada por Herodes para expressar sua impressão diante da dança de Salomé. "Tudo o que me pedires eu to darei, mesmo que seja a metade do meu reino", afirma o rei, retomando literalmente as palavras do rei Assuero a Ester em Êster 5:3-6 e 7:2, nas quais o monarca persa oferece à jovem judia até metade de seu reino. Em Marcos, as palavras colocadas nos lábios de Herodes, se forem alusão direta ao livro de Êster, podem ser lidas com uma conotação nitidamente irônica. Afinal, o rei persa ofertar a sua amante metade do seu reino, praticamente boa parte do mundo antigo conhecido no quinto século A.C. é diferente da mesma oferta partir de um rei menor, que além de tudo divide um reino já fragmentado. A outra possibilidade de interpretação para as palavras de Herodes é tratar-se simplesmente de uma hipérbole respeitosa, usada pelo rei para expressar sua disposição em ofertar à sobrinha o que possuiria de mais valioso: o próprio reino.

Indiferente do que possam significar as palavras de Herodes, sobretudo quando usadas por um narrador sutil como o de Marcos, elas indicam a valorização que a morte de João tem sob os desejos de Herodias. Como se a vida de um profeta sem nenhum recurso, conhecido por sua severidade diante dos luxos do mundo judaico-romano do período, valesse mais que a metade de um reino. O que deve ser ressaltado é que essa importância de João Batista não estava em seu poder político – inexistente – ou profético – também não muito importante, pois até onde se relata, ninguém nem mesmo suplicou ao rei por sua libertação –, mas somente nessa discreta simpatia que Herodes nutre por ele. E, sobretudo, na importância que tem por configurar moeda de troca entre as vontades de um rei e o ódio que a ressentida rainha nutre por ele.

Assim, a validade da vida de João Batista, pelo que nos revela Marcos, está apenas assegurada pelas palavras de uma dançarina que conseguiu por seus passos e movimentos rítmicos, não por sua nudez ou beleza – o que precisa ser enfatizado posteriormente – algo que a esposa do monarca não conseguira. Portanto, há em Marcos um fortalecimento do desejo assassino de Herodias e uma transposição desse desejo para as duas figuras que possuem o poder para concretizá-lo: Herodes por sua posição e Salomé por sua dança. Ao articular com essas duas instâncias, a Herodias de Marcos surpreende por sua capacidade articulatória e conspiratória de jogar com os outros agentes da trama para alcançar seus objetivos.

Quando retira-se o foco de atenção de Herodias e o coloca sobre Salomé, nota-se que a dançarina em Marcos é muito mais manipulável em relação à mãe do que o era a personagem de Mateus. Nota-se isso ao se comparar as duas versões dos acontecimentos depois da dança da jovem. Enquanto o autor de Mateus revela uma Salomé cúmplice da mãe, o de Marcos apenas a faz joguete dos interesses criminosos da rainha.

Ora, no aniversário de Herodes, a filha de Herodias executou uma dança perante os convidados e agradou a Herodes. Por isso ele se obrigou sob juramento a dar-lhe tudo o que pedisse. Incitada por sua mãe, ele lhe disse: "Dá-me aqui, num prato, a cabeça de João, o Batista". (Mateus 14:6, 7)

A filha de Herodias veio executar uma dança e agradou a Herodes e a seus convivas. O rei disse à moça: "Pede-me o que quiseres e eu to darei". E fez-lhe este juramento: "Tudo o que me pedires eu to darei, mesmo que seja a metade do meu reino". Ela saiu e disse a mãe: "Que é que vou pedir?" Esta respondeu: "A cabeça de João, o Batista". (Marcos 6:22-24)

#### A CITAÇÃO A ASSUERO

No relato de Mateus, tudo é resolvido rapidamente, como se o narrador tivesse pressa em resumir a ordem dos acontecimentos da sua narrativa. Importa-lhe apenas mencionar que Herodes sentiu-se seduzido pela dança da sobrinha e que, em discurso indireto livre, por esta dança prometera-lhe o que ela pedisse. Já no relato de Marcos, primeiramente pelo diálogo com a tradição velhotestamentária, **citando Assuero** e colocando tudo em discurso direto, e depois na menção direta da conversa entre mãe e filha, o tetrarca expressa sua fascinação extremada por frisar até onde iria para satisfazer a vontade de Salomé.

Fica subentendido em Mateus que a dançarina entrara na festa com a trama da morte de João planejada, o que transforma sua dança numa dança de morte e assassinato, sobretudo quanto ela rapidamente responde que deseja a cabeça do inimigo de sua mãe. Por sua vez, os efeitos de leitura da versão de Marcos são precisos demais para serem ignorados. Diferente do outro relato, a dançarina de Marcos é muito mais sutil e, possivelmente, inocente das tramas de mãe. Sua dança não prevê a morte, apenas o agrado do rei e dos seus convivas. Quando Herodes jura dar-lhe metade de seu reino, a jovem, sem saber o que pedir, vai conversar com a **mãe e apenas aí temos a oportunidade de conhecer o plano desta em assassinar o inimigo**. Ironicamente, onde Mateus responsabiliza Herodes, Herodias e Salomé pela morte de João, Marcos relega apenas à segunda a culpa, deixando o rei e a dançarina como meros bonecos do desejo de Herodias. A culpabilidade da mãe ainda é reforçada no versículo que conclui o episódio, 28, por narrar que o guarda “trouxe a cabeça sobre um prato, deu-a a moça e a moça deu-a a sua mãe”.

Com respeito ao cenário do episódio e ao efeito final da personagem de Herodes sob o leitor, o relato de Marcos reforça tanto a simpatia que o rei nutria pelo profeta como também a importância de um juramento diante de pessoas de autoridade que ali estavam presentes. Enquanto o autor de Mateus não se dá ao trabalho de descrever o festejo, o de Marcos detalha os convidados. São “dignatários, oficiais e as grandes personalidades da Galiléia”, pessoas importantes que reforçam o temor de Herodes de parecer desonroso diante do juramento que acabara de fazer. No final, embora permaneça frágil e covarde ao olhar do leitor, Herodes resulta, no relato de Marcos, um pouco mais aceitável e passível talvez de uma relativa simpatia, ora pelo reconhecimento da verdade da acusação de João, ora pela fascinação diante da dança de Salomé – que rei prometeria até metade de seu reino a uma dançarina, se esta não fosse realmente admirável? – e ora por sua fragilidade diante do plano cuidadosamente arquitetado por Herodias.

Por sua vez, a Salomé de Marcos também ganha tons mais humanos e menos hediondos. A ideia de uma dançarina que executa uma dança visando um assassinato amedronta, algo que Mateus faz questão de ressaltar. Já em Marcos, a dança e o pedido subsequente para a mãe revela a fragilidade infantil da jovem que corre para a figura de autoridade quando incapaz de responder o que lhe perguntaram.

O que chama a atenção no texto de Marcos é a economia de detalhes descritivos, o modo como o narrador expressa tanto com tão pouco. Marcos diz que “Salomé executou uma dança que agradou a Herodes e aos seus convivas”. O que é preciso questionar é o que revela tamanha economia de termos e se o autor em questão teria a possibilidade de escrever qualquer outra coisa que não isso. Poderia, por exemplo, detalhar a dança, as roupas e a movimentação corporal de Salomé? **Não no seu tempo**. Não no seu gênero. Não num texto que objetiva elevar Cristo e diminuir Roma. Não sem revelar ao leitor o quanto a imagem mesmo que imaginária da dança, que pôs um rei e seus súditos de joelhos, deve tê-lo impressionado.

É por isso que acreditamos que o relato tenha afetado o seu autor de algum modo, a ponto de ele detalhar algo que não deveria ou que não teria detalhado de qualquer outro modo. Miles afirma que “A história do assassinio de João Batista é tão escassa de detalhes e comedida no tom como a história da prova de Isaíque. Quando um detalhe é incluído, como o prato que a jovem pede, isso atrai a atenção pela raridade” (2001, p. 161), e também pela ironia fina presente nesse detalhe. **Em um banquete, o prato principal é servido em momento de destaque, após serem oferecidas as iguarias mais usuais**. No relato bíblico, a cabeça de João Batista, quando é trazida num “prato”, **faz as horas do prato principal**, sendo servido em uma bandeja, **ao final da festividade, como a iguaria mais exótica apresentada aos convidados**.

## O PARALELO COM OS MITOS GREGOS

E aqui convergem mitos ancestrais. Tais lendas são muito antigas e encontram a sua raiz na mitologia grega. Segundo *As Metamorfoses* de Ovídio, Licaão, o rei da Arcádia, serviu a carne de Árcade a Zeus e este, como castigo, transformou-o em lobo (Met. I. 237.)

Conta o mito que Zeus, o senhor do Olimpo, às vezes descia do monte em que viviam os deuses e percorria a terra, disfarçado de mortal. Numa dessas viagens, horrorizado ao ver como o mal se disseminava entre os homens, ele parou na região da Arcádia.

Anoitecia, e o mais poderoso dos deuses pediu abrigo no palácio do governante: Licaon, que era tido como um tirano infame. O povo da Arcádia sabia que um deus estava entre eles, pois Zeus não ocultou sua natureza divina. Porém Licaon, o rei, duvidou e zombou das reverências e preces que seu povo fazia ao visitante. Rindo, declarou:

– Descobrirei se este é mesmo um deus ou um mero mortal!

O rei planejou naquela noite matar seu hóspede, quando ele adormecesse. Mas antes preparou-lhe um jantar macabro: tomou um prisioneiro, cortou sua garganta, retalhou sua carne ainda quente e mandou que seus pedaços fossem cozidos e assados.

Ao ver a carne humana servida diante dele como uma iguaria, Zeus se enfureceu. Com um golpe na mesa do jantar, atraiu um raio que trouxe a maldição ao rei tirano e a todos os seus descendentes!

Licaon tentou falar, mas não conseguiu. Tentou fugir da ira de Zeus e disparou a correr, deixando o palácio e ganhando os campos. Conforme corria, sua boca espumava, seus braços se tornaram pernas, suas mãos viraram patas. Ele chegou ao local em que pastava um rebanho de ovelhas e caiu sobre elas com uma fúria bestial; só pensava em matar e destroçar. Era ainda o mesmo Licaon, mas não era mais um homem.

Transformara-se em lobo.

### HERODES, AQUELA RAPOSA

Há uma **ironia celestial** quando Jesus retrata a Herodes como raposa, pôs foi nisso que se transmutou:

31 Naquela mesma hora chegaram alguns fariseus que lhe disseram: Sai, e retira-te daqui, porque Herodes quer matar-te.

32 Respondeu-lhes Jesus: **Ide e dizei a essa raposa**: Eis que vou expulsando demônios e fazendo curas, hoje e amanhã, e no terceiro dia serei consumado. 33 Importa, contudo, caminhar hoje, amanhã, e no dia seguinte; porque não convém que morra um profeta fora de Jerusalém.

Herodes se transformara numa besta humana, num lobo, repetia o expediente de Licaon, numa atitude que abominou aos céus. O Espírito não coloca o termo "lobo" nas Escrituras, mas um parente próximo, que possui um reflexo profundo na literatura asiática, povos a quem um dia será anunciado o evangelho. "Lobo" para Roma simbolizava poder, as lendas da criação de Roma falavam de gêmeos que foram alimentados por um lobo, o qual não era visto, então, de modo ruim. Chamá-lo de "lobo" nesse contexto seria um elogio. Mas, raposa era exatamente a expressão da personalidade do instável Herodes. Ladrão, astuto, receoso, sempre à espreita de uma oportunidade.

### A DANÇA DE SALOMÉ II

É importante também frisar que não é a beleza de Salomé ou de suas vestes que fascina o rei e os convidados, mas a dança por ela executada. Importante ressaltar isso, pois futuramente, sobretudo na releitura de Wilde, o papel da dança será relegado ao caráter sedutor da beleza ou das roupas



de Salomé e não mais ao seu talento enquanto dançarina. Tal ênfase demarca a leitura mais óbvia do relato que entra em consonância tanto com a interpretação de sedução erótica quanto de incesto, subentendido na relação de um pai e de uma filha, ou de um padrasto e de uma enteada, ou então de um tio e de sua sobrinha. Sobre essa ênfase na beleza corporal e facial de Salomé, ela é também exagerada pela relação de sua dança com a dança dos sete véus. Nitidamente, por sua progressão de desvelamento e desnudamento do corpo. Quando isso acontece, quando a beleza e a sexualidade de Salomé se sobressaem a dança, da sua criação e apresentação artística, acreditamos que há um distanciamento justamente daquilo que possivelmente deve ter fascinado o autor de Marcos: não a beleza de Salomé ou sua sedução sexual e sim justamente sua dança. Se essa é apenas uma desculpa para aquelas, não seria necessária a composição do relato da "execução da dança". Bastaria se o objetivo fosse esse que o narrador informasse o leitor que o rei e seus convidados ficaram seduzidos pela beleza da jovem.

Em literatura, sabe-se que os detalhes são de grande importância. Assim, quando um narrador deseja reforçar uma determinada característica de sua personagem ele escolherá aquilo que achar mais forte do ponto de vista dramático. Em vista disso, pode-se perguntar se não haveria modo de reforçar a fragilidade monárquica temerária – talvez covarde – de Herodes sem precisar recorrer a esse exercício retroativo de descrição rememorativa. Se o faz, é porque estava convencido de que não haveria forma mais eficaz para caracterizá-la. Mas por que um relato de dança? Por que uma dança em troca de uma vida?

Embora não passe de especulação interpretativa as suposições que fizemos sobre os interesses estéticos do autor de Marcos e sua resposta à visão corrente de ver na dança um elemento exemplificador da licenciosidade romana, o certo é que a imagem da dança de Salomé o deve ter fascinado como fascinara o frágil e manipulável personagem de Herodes. Tal fascinação pela beleza do corpo da jovem em movimento seguindo o ritmo dos instrumentos musicais do festejo, em contraste com o horror da visão posterior da cabeça de um homem sob um prato de banquete, marcaria não apenas a visão do autor de Marcos, como também boa parte dos pintores e escritores a partir do século dezesseis, quando os episódios bíblicos começam a ser novamente pensados e caracterizados como histórias de arte e entretenimento. Nesse contexto, tanto a literatura quanto as artes plásticas mesclarão a figura de Salomé com uma determinada figuração mítica que associaria a fascinação sexual com a perversão do assassinato.

(Enéias Farias Tavares (UFSM)1 Juliana de Abreu Werner T. (UFRGS))

#### MAIS SOBRE HERODIAS

Herodias está insana. Havia corajosamente divorciada de seu antigo Herodes, seduzira seu novo esposo de tal modo que o obrigara a relegar uma princesa hasmonéia ao exílio, forçando a dissolução de seu casamento.

Um mundo de planos em busca de poder, ameaçado por um profeta qualquer de um deserto qualquer. E ainda que tivesse o status de uma rainha, não tinha condição de assassiná-lo publicamente, tamanha era a fama de João.

A mulher descendia de uma Miss. Ela e Salomé eram as mais belas mulheres de sua época.

Exímia na arte da sedução, compreende-se que era encantadora e foi professora de dança de sua filha. Ou que sabia quem eram as mestras de dança de sua época. Duas tradições de dança ou três podem servir de pano de fundo para as coreografias. Uma herança iduméia ou edomita, uma herança árabe e uma herança romana. Da romana tomaremos a parte mais sensual da dança, porque as sacerdotisas vinham de ritos orgiásticos. As Saturnais, Dionísio, Cibele, e Adonis, que apesar de grego...

#### O TEMA DO BANQUETE MALDITO

João Batista é tornado um manjar **num banquete maldito**. Um banquete aziago, amaldiçoado.

Há vários relatos históricos e literários que exploram o tema do banquete maldito. Outro mito em que pontificava o tema do banquete **aziago** era o das Leucípides. A história destas filhas de Leucipo e sobrinhas de Tíndaro – primas, portanto, de Helena e de Clitemnestra, as esposas dos Atridas – resume-se à luta que, por sua causa, opôs os Dioscuros, seus primos, a dois outros primos, filhos de Afareu. No festim que Castor e Pólux ofereceram em Esparta a Eneias e Páris, quando estes visitaram Menelau com o objectivo de raptar Helena, os filhos de Afareu, motivados pelo vinho que haviam ingerido, censuraram os Dioscuros por se terem casado sem terem oferecido um dote ao tio. Insultados, Castor e Pólux reagiram e a discussão acabou num violento confronto, que levou à morte de um dos gémeos, bem como de dois dos seus primos.

Como se confirma, são vários os episódios mitológicos gregos, As Histórias de Hérodoto são, aliás, particularmente ricas nesta temática. O autor inclui uma série de banquetes, supostamente factuais – o que não é linearmente exacto –, **em que a desgraça é a protagonista**. Independentemente da fatualidade, interessa-nos destacar **a pertinência da sua presença na narrativa**. A propósito da egípcia Nitócris, por exemplo, o "Pai da História" refere que, depois de lhe terem matado o irmão e entregado o poder, a rainha convidou os egípcios que considerava terem sido os assassinos do parente a participarem num sumptuoso festim. Enquanto eles se banquetavam, a rainha fez cair sobre eles as águas do rio, através de uma conduta secreta.

Em Heródoto, encontramos também o relato de um banquete que evoca os mitos de crianças cozinhadas, acima referidos. No mesmo livro, Heródoto relata também um plano de Creso e Ciro para aniquilar os Masságetas, seus inimigos. Estes são neutralizados através de um lauto banquete que lhes é oferecido. O abuso da comida e da bebida deixa-os totalmente incapazes de reagir contra os Persas que os atacam.

É ainda em Heródoto que encontramos relato de um outro festim, igualmente marcado pelo desfecho funesto, apesar de essa não ter sido uma intenção premeditada, como acontece com outros casos. Trata-se do momento em que Amintas, rei da Macedónia, convida os Persas a banquetarem-se na sua casa. Estes, saciados de comida e de bebida, pedem ao anfitrião que, à maneira persa, as mulheres do palácio se juntem aos convivas, ainda que esse não seja um costume grego. Amintas acaba por anuir, mas os convidados, embriagados, não se refreiam e começam a exceder-se no seu comportamento, em relação às mulheres presentes. É então que Alexandre, o filho de Amintas, engendra um plano para inverter a situação a seu favor: faz sair as mulheres do festim e as substitui por outros tantos mancebos, vestidos de mulheres e armados de punhais. Estes acabam por matar os Persas, marcando o festim com sangue.

À semelhança de outros episódios herodotianos, também neste reconhecemos a influência da mitologia, mais concretamente do mito das bodas de Deidamia e Pirítoos, acima referido. No livro IX do mesmo historiador, regista-se outro episódio ainda particularmente revelador das contaminações temáticas na historiografia antiga. Trata-se da história da túnica de Xerxes. Heródoto conta que a rainha Amétris, mulher de Xerxes, teria oferecido ao marido uma túnica feita pelas suas próprias mãos. O rei, porém, se viu obrigado a oferecê-la à nora, Artainte, por quem estava apaixonado, e que era também filha da cunhada do rei, por quem ele se havia enamorado antes. Ao tomar conhecimento do que se passara, Amétris elabora o seu plano de vingança e para o efeito aproveita a festa de aniversário do rei, pois sabia que nessa o monarca estava obrigado a atender a todos os pedidos que lhe fossem feitos nessa ocasião.

Amétris decide pedir ao marido que lhe seja entregue a cunhada, mãe de Artainte, que considerava ser a culpada daquela situação. Amétris deixa então emergir a vingança de uma forma atroz sobre aquela que considera sua rival, concretizada com a mutilação sádica e impiedosa do nariz, das orelhas, dos lábios, da língua e dos seios da cunhada. A ocasião que proporciona tamanha barbaridade é precisamente a do banquete real ou "Ceia Real", como Heródoto lhe chama. Em contexto herodotiano, poderíamos citar ainda o banquete aziago de Atagino, pouco antes da batalha de Plateias, em que um persa prevê a desgraça dos seus conterrâneos no confronto que se aproxima, permitindo o contraste entre a alegria da refeição tomada em comum por Persas e Gregos e a morte que se anuncia e aproxima

É ainda da historiografia romana que nos chega o relato de pelo menos mais quatro exemplos de festins fúnebres. O primeiro decorreu durante o principado de Cláudio e diz respeito ao processo que

desencadeou a execução da sua mulher, a imperatriz Valéria Messalina. É na sequência de um banquete orgiaco de características trágico-dionisiacas que Messalina é acusada de ter praticado bigamia e conspirado contra o imperador. Estas acusações acabarão por levar a imperatriz à morte, bem como muitos dos que com ela se envolveram no festim báquico. O segundo exemplo data do final do mesmo principado. Ou melhor, marca o final desse mesmo principado, dado que Suetónio levanta a suspeita de Cláudio ter sido envenenado durante um banquete que se realizou no Capitólio. O terceiro caso data do principado de Nero e refere-se ao homicídio de Britânico, precisamente o filho de Messalina e Cláudio. Tácito conta, pormenorizadamente, que foi durante um banquete que o jovem príncipe foi envenenado por Nero, através de uma estratégia digna da que Plutarco regista para o episódio de Parisatis e Estatira. É ainda através de Tácito e Suetónio que ficamos a saber que o mesmo Nero maquinou a morte da própria mãe, Agripina Menor, a quem atraiu a um banquete para depois a fazer entrar num navio preparado para naufragar. Quatro situações fúnebres, germinadas em outros tantos festins. Podemos encontrá-lo, por exemplo, nas culturas do mundo bíblico, em diversos episódios e textos. Na história de José, **a morte do padeiro-mor da corte egípcia é decretada enquanto decorre o banquete de aniversário do faraó**. No livro dos Juízes, o relato da vida de Sansão, recorre ao tema por duas vezes. A primeira enquadra **o relato do casamento do herói com uma filisteia**. Sansão oferece um banquete, em que propõe um enigma a um grupo de jovens. Estes, incapazes de decifrar o que lhes foi apresentado, decidem chantagear a mulher de Sansão, para que ela obtenha do marido a resposta desejada. A filisteia cede e trai o marido. Sansão acaba por revelar-lhe a resposta e a mulher transmite-a aos interessados. Irado por ter sido enganado, Sansão mata os jovens. **A segunda vez contextualiza o episódio da morte do herói**. Conta-se que os príncipes dos Filisteus se reuniram para oferecer um sacrifício a Dagon e celebrar um banquete. É nesse contexto que Sansão, já cego graças à traição de Dalila – o motivo de Dalila como que repete o da mulher filisteia na história do mesmo herói –, se coloca sob as colunas do templo e fá-lo ruir, esmagando todos os que se encontravam no seu interior. No livro de Judite, texto judaico que nos chegou na sua versão grega. Apesar de enquadrado no tempo de Nabucodonosor (secs. VII-VI a.C.), a composição deste “romance” deverá datar do século II a.C., mais especificamente do tempo de Antíoco IV Epifânio (168-163 a.C.). O texto gira em torno de uma bela judia, epónima dos próprios Judeus, que decide tomar parte ativa no conflito que opõe Assiro-babilónios a Hebreus/Judeus, matando um dos generais inimigos. Para isso, Judite aceita participar num banquete organizado pelo inimigo Holofernes, que, vencido pelo vinho, acaba decapitado às mãos da bela mulher. No livro de Daniel, encontramos também um episódio que assume a forma do festim maldito. Trata-se do banquete de Baltasar, no qual o rei babilónio, depois de ter abusado do vinho, decide fazer introduzir no festim os vasos de ouro e prata que Nabucodonosor havia tirado do templo de Jerusalém. Depois de todos os convivas terem bebido pelos objetos referidos, decidem louvar os deuses de Babilónia. É nesse momento que surge do nada uma mão humana que escreve nas paredes do palácio uma frase enigmática. É o profeta Daniel quem acaba por decifrar o seu significado, por indicação da rainha. O enigma anunciava o fim de Baltasar. Diz o texto que “na mesma noite, foi morto Baltasar, rei dos caldeus”. **Uma vez mais, o banquete serve de pretexto para o anúncio da desgraça**. Há ainda dois outros banquetes bíblicos aziagos que não podemos deixar de referir neste estudo, dada a pertinência do seu enquadramento e dos motivos a que dão forma. O primeiro deles é o celebre “Banquete de Herodes”, que assinala o aniversário do tetrarca Herodes Antipas e que motiva a execução de João Baptista. Reconhecemos nesta história, aliás, vários motivos comuns à que assinalámos acima, a propósito de Xerxes, Amétris e Artainte. **São diversos os elementos comuns entre o relato de Heródoto e o que encontramos nos Evangelhos de Mateus e de Marcos**. Estes referem que o tetrarca da Galileia se comprometeu publicamente, no dia do seu aniversário, em oferecer à filha de Herodíade o que a jovem pedisse como recompensa por ter dançado nessa ocasião. A princesa, que Flávio Josefo **identifica como sendo Salomé, é instigada pela mãe a pedir a cabeça do Baptista num prato**. A forma como a narrativa é apresentada sugeriu já vários estudos, em particular de autores com formação jungiana, que a relacionam com **os antigos mitos telúricos (qualquer narrativa com forças ou poderes espirituais/divinos ligados a natureza ou a terra)**, centrados nas figuras da mãe e da filha. Mas a sua estrutura recorda igualmente o episódio herodotiano do livro IX, em que Antipas se assume como alter-ego de Xerxes, Herodíade de Amétris e Salomé de Artainte. A comunhão dos dois casos faz-se com o banquete maldito, que acaba por suscitar a desgraça de alguém. O que nos parece indubitável é a semelhança tópica **do leit motiv (motivo principal, fio que conduz a trama narrativa) que dá sentido à narrativa**.

**Fica notado que o banquete de Herodes prefigura uma inversão da Ceia.** Assim poderá ser entendido, se tivermos em conta a inclusão de ambos os episódios nos mesmos Evangelhos, bem como a funcionalidade de cada uma das narrativas na economia dos textos em que se inserem.

#### A ANTROPOFAGIA SIMULADA

O banquete de Herodes é uma brincadeira de mau-gosto, não vai haver antropofagia, a cabeça de João será descartada, queimada. Mas, a sua apresentação é a de um sacrifício humano. Ela tem relação profunda com muitos rituais mágicos que envolvem banquetes, consagrações ou sagrações, onde se honram reis, onde uma festa macabra dignifica uma autoridade na presença de oficiais.

A diplomacia africana com as monarquias europeias no período do tráfico de escravos atlântico é um assunto pouco conhecido. Quatorze missivas enviadas pelos reis do Daomé a autoridades portuguesas, entre 1790 e, aproximadamente, 1820 comprovam a prática de rituais macabros. Esse período corresponde aos reinados de Agonglo (1789-1797), Adandozan (1797-1818) e Guezo (1818-1858), e os destinatários foram a rainha d. Maria I de Portugal, o príncipe-regente BRASILEIRO d. João, e dois dos governadores da Bahia. Uma parte das cartas cruzou o Atlântico acompanhando quatro embaixadas mandadas pelos monarcas africanos à corte portuguesa: a primeira em 1795, em tempo do rei Agonglo, a segunda e a terceira, em 1805 e 1810, em tempo de Adandozan, e a quarta, por volta de 1820, no início do reinado de Guezo. As duas primeiras chegaram a Lisboa, com escalas na Bahia, a terceira, com destino **à corte do Rio de Janeiro**, ficou retida em Salvador, e a quarta foi perdida. Nas cartas de Agonglo, carta 1, datada em 31 de março de 1790, o rei Agonglo – recém-entronizado após a morte do seu pai Kpengla, em abril de 1789 – comunica à Bahia a abertura do porto de Jaquin. No contexto da carta, poderia tratar-se de sacrifícios dirigidos a Agonglo para propiciar o sucesso da iminente campanha militar. O rei tinha o privilégio, e quase exclusividade, para a realização de sacrifícios humanos, sobretudo durante a celebração dos Costumes anuais (ver nota 116). As vítimas eram concebidas como mensageiros que levavam recados aos ancestrais ou aos voduns. A quantidade de sacrifícios humanos tem sido muito distorcida pelos viajantes europeus. Para uma discussão sobre o tema ver, por exemplo, Robin Law: “‘My Head Belongs to the King’: On the Political and Ritual Significance of Decapitation in Pre-Colonial Dahomey”, *The Journal of African History*, v. 30, n. 3 (1989), pp. 399-415. Cortar cabeças foi uma prática comum no passado, e tal ato era marcante na vida de grandes líderes. Como é o caso do rei Gezo de Daomé, que governou entre 1818 e 1858, e tinha em seu poder vastas coleções de cabeças de inimigos como uma demonstração de seu poder real. Quando o explorador escocês John Duncan visitou Daomé, informou que Gezo tinha uma coleção de 2.000 a 3.000 cabeças. As cabeças mais importantes foram banhadas com bronze e ferro, envolvidas em tecidos e conservadas em panelas. Duncan afirmou que a história de cada cabeça foi cuidadosamente mantida. Os crânios foram usados também na arquitetura e o trono de Gezo, que está sendo mantido em exposição em um museu, foi montado sobre crânios de reis inimigos.

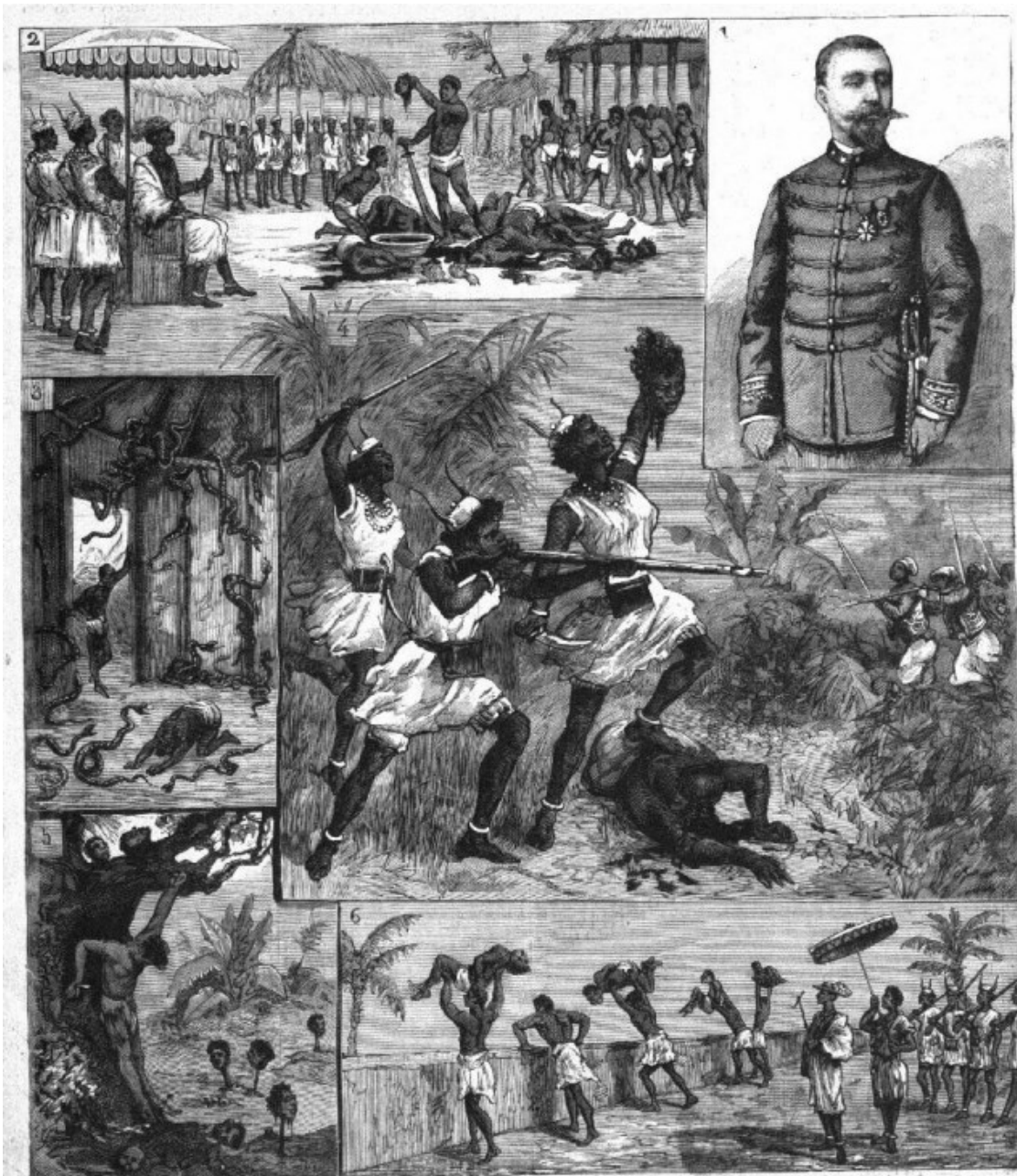


Ilustração que retrata Daomé em 1890, de 16 de março deste ano, do suplemento ilustrado do jornal Le Petit Parisien, na figura observa-se culto de sacerdotes à serpentes, o grupo de "amazonas da africa" guarda real formada por guerreiras que eram esposas e filhas dos reis que dominavam sobre Daomé, decapitações realizadas como oferendas em banquetes e festividades de exaltação ou entronização dos reis de Daomé. Um grupo de dezenas de homens e mulheres aguarda numa imensa fila sua execução iminente. Há um grupo de prisioneiros lançados num abismo como "sacrifícios vivos".

O rei do Daomé não se limitou a simplesmente cortar e colecionar as cabeças de seus rivais. Ele foi autorizado a decapitar quem ele quisesse, incluindo pessoas de seu próprio governo. Isso era importante para cerimônias e festivais, incluindo o "Huetanu" (Feira anual de cabeças).

Jesus quando lançar mão de seu discurso mais violento, o fará (também) em referência profética à morte de João, ao banquete maldito:

Então Jesus lhes disse: Em verdade, em verdade vos digo: **se não comeres a carne do Filho do Homem, e não beberdes o seu sangue, não tereis a vida em vós mesmos.** Quem come a minha

carne e bebe o meu sangue tem a vida eterna; e eu o ressuscitarei no último dia. Pois a minha carne é verdadeiramente uma comida e o meu sangue, verdadeiramente uma bebida. Quem come a minha carne e bebe o meu sangue permanece em mim e eu nele.

No banquete de Herodes ofereceram a carne e o sangue errados. Jesus se daria como o alimento celestial correto, **sendo ele o cordeiro que tira o pecado do mundo**. O que por sinal, já havia sido revelado por João Batista. Como de costume...

No dia seguinte, João viu Jesus que vinha a ele e disse: Eis o Cordeiro de Deus, que tira o pecado do mundo.

João 1:29

## O ENIGMA DE JESUS

O maior profeta que um dia existiu



Jesus afirma que João Batista foi o maior profeta de todos. E inclui a si mesmo quando assim o afirma,.. Aos olhos do Senhor ele é o maior profeta, maior do que ele mesmo. Como se não bastasse tal declaração, afirma ainda que o menor do reino de Deus é maior do que João, a quem acabara de afirmar ser o maior de todos os profetas.

O que afinal de contas, Jesus quis dizer com tal declaração paradoxal? Como entender um ser humano sendo maior profeta do que o próprio Cristo?

Jesus nasceu de mulher? Sim, e o nome dela era Maria. Jesus era profeta? Sim!

Porém, como se explica "E eu vos digo que, entre os nascidos de mulheres, não há maior profeta do que João o Batista; mas o menor no reino de Deus é maior do que ele". Lucas 7:28

Em duas partes:

### Parte 1

A missão maior de Jesus não é a mesma dos profetas. Cada um no seu cada um e cada qual no seu cada qual. O testemunho de Jesus seria a base para o trabalho dos profetas. Ele em si mesmo é uma profecia viva e foi ele o assunto maior, o mais importante no escopo da profecia de todos os que o

antecederam. Isaías que o diga. Entretanto, apesar de ser ele o cumprimento vivo das maiores profecias e de nele convergirem todos os eventos que transformam a realidade e que determinam a própria eternidade e o futuro de tudo, enquanto HOMEM, enquanto filho de MARIA, enquanto descendente de DAVI, enquanto herdeiro de ABRÃO, parente de ADÃO compreende que não exerceu, no decorrer de sua vida humana, um ministério PROFÉTICO tão profundo quanto os outros, cuja MISSÃO na vida era SÓ ESSE, o de profetizar. Não foi para isso que ele nasceu. A missão maior de Jesus era de EVANGELIZAR, não de PROFETIZAR.

Quando esse arranjo é proposto na eternidade, LOGO, SENDO ASSIM, JESUS NÃO SERIA, O MAIOR PROFETA. Ele não possui e não necessita dessa pretensão.

Isaías 61:1

O Espírito do Senhor Deus está sobre mim, porque o Senhor me ungiu para pregar boas-novas aos mansos; enviou-me a restaurar os contritos de coração, a proclamar liberdade aos cativos, e a abertura de prisão aos presos;

Ele não necessita desse título. Essa posição seria dada a outros, SEPARADOS para exercer em vida esse CARGO até a morte ou até quando Ele, CRISTO, o SENHOR DOS PROFETAS (essa eu inventei,) o determinasse.

Quanto ao termo "MAIOR", consulte tua Septuaginta de bolso, possui o sentido de "o mais importante", "principal", "em primeiro lugar na função", como na passagem "o PAI é MAIOR do que EU" em que JESUS não está declarando sua inferioridade\*, mas sua submissão, sua posição na esfera da TRINDADE. No Filho habita CORPORALMENTE a plenitude da Divindade e Deus não pode ser inferior a plenitude de si mesmo.

Bom, mas até aqui eu só expliquei METADE da história.

A outra METADE:

O QUE QUALIFICA O JOÃO BATISTA A SER O MAIS IMPORTANTE PROFETA DA HISTÓRIA? COMO FICAM: MOISÉS QUE RECEBEU O GENESIS DE BANDEJA? E ISAÍAS QUE ESCREVEU O "EVANGELHO DO VELHO TESTAMENTO" E DANIEL? E JOÃO o APÓSTOLO QUE VIU O NOVO CÉU E A NOVA TERRA?

Por ser Ele o PRECURSOR de Cristo? Há uma profecia que o chama de "anjo de diante de sua face", ele é o que preparará o coração de Israel DIRETAMENTE para receber a mensagem de Cristo, por isso é o mais importante.

Não. Não é essa a razão

Outros, até eu, poderiam te informar que ele é o ELO que liga os profetas do Velho Testamento com o primeiro profeta do Novo Testamento, o próprio Cristo, numa belíssima passagem de bastão, dando início a uma nova etapa de profetas, com características diversas de seus antecessores.

Não, ainda não é isso que o torna o mais importante dos profetas.

Também poderia dizer que ele é o último profeta sob a LEI, consagrando o primeiro profeta da era da GRAÇA, numa sobreposição histórica de duas dispensações divinas.

Não. Ainda não é por isso.

A razão de JOÃO, príncipe comedor de gafanhotos, ter sido o mais importante de todos os profetas, é o rio Jordão.

Sem João, não haveria ministério de Jesus. Ele nasceu para dar o Start-Up (início- Termo técnico do pessoal da indústria quando dá início ao processo de uma nova planta). Ele nasceu para cumprir a profecia, que não diz respeito somente a preparar o povo para ouvir o evangelho, ELE é o equivalente de SAMUEL para DAVI, ou o que significou ELIAS para ELISEU. É ele que vai CAPACITAR LEGALMENTE a JESUS para SER O CRISTO. Se Jesus não fosse batizado, não haveria ministério. E sem o ministério de CRISTO, NÃO HAVERIA SALVAÇÃO. Esse CUMPRIMENTO, ESSA DELEGAÇÃO PREVISTA

DESDE A ETERNIDADE, era IMPRESCINDÍVEL para CAPACITAR ao CORDEIRO algo sem o qual não poderia reivindicar sua posição diante do PAI (no sentido messiânico).

Esse ato profético de imergir a Jesus nas águas foi tão necessário, tão profundo, tão revestido de significados diante do mundo espiritual, dos anjos, do Pai, da humanidade, que fez de João, o principal, por ter tido a honra de confirmar propósitos ocultos no coração de Deus desde a eternidade.

Quando o PAI vê ao Filho sendo batizado, não consegue conter a alegria e BRADA da eternidade:

“ESTE é meu FILHO AMADO, nEle tenho me comprazido!”

Esse momento foi aguardado pelo Pai desde que ele nasceu (por assim dizer... brincadeira teológica...)

Imediatamente o Espírito Santo é derramado sobre Jesus, e pela primeira, única e última vez o ESPÍRITO SANTO é VISTO de modo corpóreo, na forma de uma pomba por um HOMEM (espíritos não têm forma). Verifique de cabo a rabo nas Escrituras e veja se alguém antes ou DEPOIS disto “VIU” ao Espírito Santo.

Esse singelo ato, torna a João, realizador de um dos três maiores eventos PROFÉTICOS da eternidade, o mais importante de todos nós profetas.

Antes, todavia três textos:

EVANGELHO SEGUNDO SÃO MATEUS.

Capítulo 5

17. Não julgueis que vim abolir a lei ou os profetas. Não vim para os abolir, mas sim para levá-los à perfeição.

18. Pois em verdade vos digo: passará o céu e a terra, antes que desapareça um jota, um traço da lei.

19. Aquele que violar um destes mandamentos, por menor que seja, e ensinar assim aos homens, será declarado o menor no Reino dos céus. Mas aquele que os guardar e os ensinar será declarado grande no Reino dos céus.

18 – 1 Naquela hora chegaram-se a Jesus os discípulos e perguntaram: Quem é o MAIOR no reino dos céus?

18 – 4 Portanto, quem se tornar humilde como esta criança, esse é o MAIOR no reino dos céus.

Conforme relatado, João Batista realiza um dos mais profundos e talvez o mais importante ato profético que um homem poderia realizar, numa época única da história da eternidade, quando o Verbo se fez carne e habitou entre nós. O que fez foi tão grandioso que o torna ímpar na história humana. O que significa que não haverá ato maior a ser realizado por homem algum, seja no milênio, seja na grande tribulação, seja agora, ou na era apostólica que possa se comparar, em grandeza, ao que realizou (o batismo de Jesus nas águas).

Quem pertence ao Reino de Deus? Quem nasce de novo, o novo nascimento é a porta de entrada no Reino. Esse é o grupo do qual tenho agora que avaliar quem é o MAIOR e quem é o MENOR. Eu imaginava que o menor era o novo convertido, o que não tinha um ministério, a ovelha, o que não tem responsabilidade instituída pelo Espírito Santo porque ainda não possui condições de se tornar uma “coluna” no Reino, e o maior, o que tivesse maior responsabilidade. Bem... o conceito de JESUS é mais simples:

MAIOR: Quem cumpre e ensina tudo que ele ordenou.

MENOR. Quem não fizer isto de modo perfeito.



Sendo assim, já que não haverá nada tão MAJESTOSO, nenhuma obra tão DIGNA, nada tão MARAVILHOSO na vida de nosotros que o possamos realizar, ainda que ressuscitemos duas mil pessoas, e se o MENOR vai viver uma vida imperfeita, COMO, PELO AMOR DE DEUS, é que o "menor" pode REALIZAR ALGO MAIOR, MAIS IMPORTANTE DO QUE O QUE JOHN REALIZOU?

EU tenho que lembrar que JESUS não está comparando SERVIÇO COM FILIAÇÃO, ou DIGNIDADE com CAPACIDADE MINISTERIAL, ele está comparando ATOS, OBRAS, REALIZAÇÕES, o quê, pergunto:

O QUE WELINGTON JOSÉ, o menor no reino, FARÁ em VIDA, QUE ATO PROFÉTICO esse sujeito asqueroso, fundador da WELINGTON CORPORATION, essa HOLDING FANTASMA, realizei para ser considerado POR DEUS, maior que JOÃO?

RESPOSTA:

JOÃO 1

12 Mas, a todos quantos o receberam, aos que crêem no seu nome, deu-lhes o poder de se tornarem filhos de Deus;

13 os quais não nasceram do sangue, nem da vontade da carne, nem da vontade do varão, mas de Deus.

Deus considera o ato de receber a Cristo, crer no testemunho de João e dos Profetas, crer em seu testemunho a respeito de Cristo, ato profético maior que o que João Realizou. DENTRO DO CORAÇÃO DE DEUS QUANDO VOCÊ CRE NO TESTEMUNHO DE JESUS, CRE QUE ELE É O QUE DIZ SER, ACONTECE UM MILAGRE TÃO DESESPERADOR, UMA COISA TÃO IMENSA, QUE TE TORNA, ATRAVÉS DA FÉ, MERECEDOR DESSA DIGNIDADE.

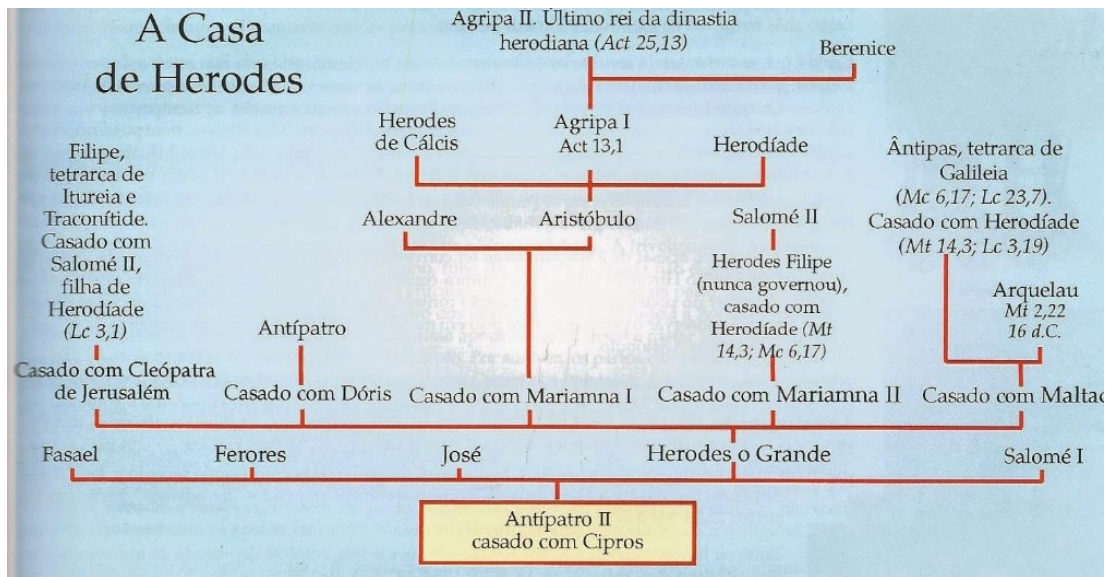
**WELINGTON CORPORATION**

## ANEXO I SOBRE A CASA DE HERODES

Herodes Antipas

Nascimento 20 a.C.

Morte 39 (58 anos)



### HERODES ANTIPAS

#### NASCIMENTO

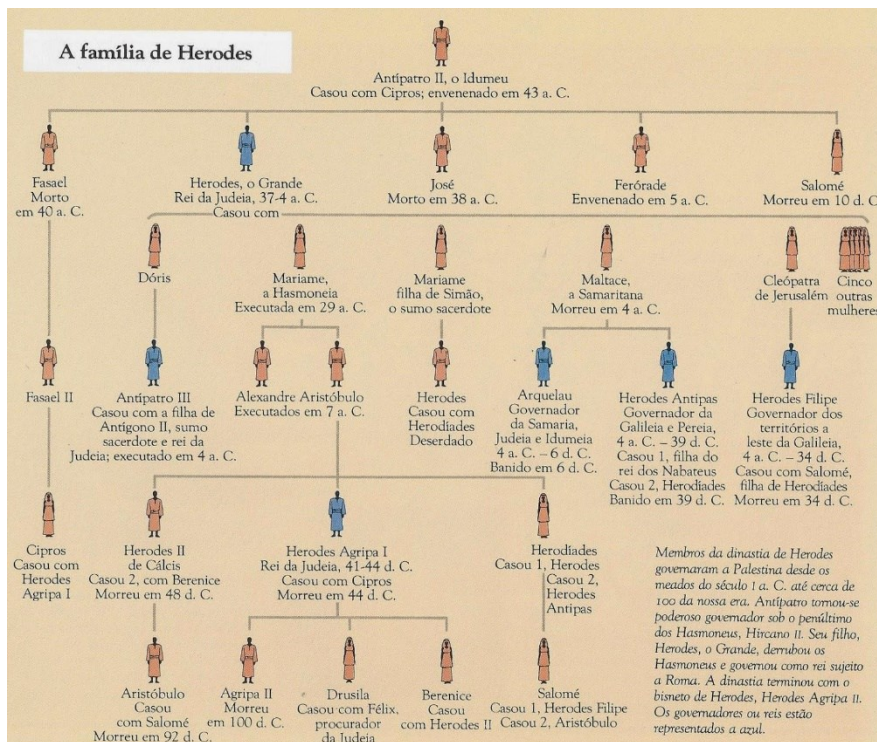
Herodes Antipas ou simplesmente Antipas (em grego antigo Ἡρώδης Ἀντιπατρος, translit. Hērōdēs Antipatros; nascido antes de 20 a.C. – morto depois de 39), foi um filho de Herodes, o Grande por uma de suas esposas, a samaritana Maltace. Ele foi tetrarca da Galileia e da Pereia. É mais conhecido através dos relatos do Novo Testamento por seu papel nos eventos que levaram às execuções de João Batista e Jesus de Nazaré.

#### NATURALIDADE

Herodes Antipas era idumeu. Os idumeus ou edomitas (descendentes de Esaú) ocupavam originalmente a área situada entre o Mar Morto e o Golfo de Ácaba. Foram judaizados, sobretudo no período de João Hircano. Mesmo sendo gentios, eram conhecedores e obrigados aos usos e costumes religiosos judaicos. A partir de 63 a.C., a Judeia passara a ser administrada pelo governador romano da Síria e dividida em quatro tetrarquias. Antípatro, pai de Herodes, o Grande, por ter feito grandes conquistas pessoais, recebeu de Roma vários benefícios, entre os quais a cidadania romana, isenção de tributos e o cargo de administrador da Judeia.[1]

Herodes Antipas era um príncipe frívolo, que foi acusado de vários crimes. Mandou decapitar João Batista por instigação de Herodias, esposa do seu meio-irmão Herodes Filipe, com quem ele havia se casado.

Pôncio Pilatos enviou Jesus para Herodes, quando este estava em Jerusalém durante a Páscoa. Antipas fez algumas perguntas a Jesus e, porém não encontrou nada que incriminasse Jesus e mandou-o de volta a Pilatos. **Joana, mulher de Cuza, mordomo de Antipas, foi uma das primeiras discípulas de Jesus.**



## HERODES IDUMEU

Herodes era filho do idumeu Antípato e de Cipros (da Nabateia). À época do rei hasmoneu João Hircano, a Idumeia fora conquistada e seus cidadãos obrigados a se converterem ao judaísmo.

## RESUMO POR JOSEFO

A maior parte do que conhecemos sobre sua vida nos é narrada pelo historiador judeu Flávio Josefo que provavelmente usou o trabalho de Nicolau de Damasco como fonte, porque, quando termina Nicolau, na época de Aquelau, o relato de Josefo se torna mais resumido. Segundo Josefo, a legitimidade de seu reinado era contestada pelos judeus por ele ser um idumeu. Numa tentativa de obter essa legitimidade, ele casou-se com Mariana, uma hasmoniana filha do alto sacerdote do Templo. Ainda assim, ele vivia temeroso de uma revolta popular, razão pela qual teria construído, como refúgio, a fortaleza de Massada.

## 40 DC

Em 40 a.C., quando Matatias Antígono, o último rei da dinastia hasmônea, entrou na Judeia com a ajuda de uma potência vizinha, Herodes fugiu para Roma, onde Antônio lhe entregou a realeza da Judeia, que assegurou com um exército romano, com o qual derrotou Antígono em 37 a.C. ao cercar Jerusalém. Octaviano (o futuro imperador Augusto), após a batalha de Ácio, em 31 a.C., manteve-o no poder.

## CORTE HELENIZADA, CONSTRUÇÕES

A sua corte era helenizada e culta. Ele fundou as cidades gregas de Sebaste (Samaria) e Cesareia Palestina, com o seu belo porto. Construiu fortalezas e palácios, incluindo Massada e o magnífico Templo, o Heródio. Presidiu aos Jogos Olímpicos.

## SUBSTITUIÇÃO DE DINASTIA

Herodes destronou os reis da dinastia hasmônea, que tinham governado Israel mais de um século. Essa dinastia tinha contado com o apoio dos saduceus. Por isso, Herodes era mal visto entre os saduceus. Em contrapartida, ele pôde contar com o apoio da facção moderada dos fariseus, conduzida por Hillel. Contou também com o apoio dos judeus da diáspora, mesmo naquela época,

de número considerável. Já a relação com os essênios era mais complicada. Por um lado, os essênios detestavam Roma e não aprovavam que Herodes governasse em nome de Roma. Por outro lado, Herodes era um amigo de Menahem, o essênio e respeitava os essênios.

## CONSTRUÇÕES

Fez construir várias obras em seu reino, cuja monumentalidade ainda hoje é admirada. Delas subsiste, como documento mais bem conservado, o Túmulo dos Patriarcas, em Hebron.

## PARTILHA DO REINO

Ao morrer, em 4 a.C., Herodes deixou disposta, em testamento, a partilha do reino entre três de seus filhos sobreviventes: Herodes Arquelau, Herodes Antipas e Filipe.

## O ESTADO JUDEU HERODIANO

- Herodes não tinha legitimidade judaica, pois descendia de idumeus e sua mãe era descendente de árabes. Desse modo, sua legitimidade se fundava na própria estrutura do poder que ele exercia, e que diferia da tradição dos Hasmoneus, na medida em que:
  - o rei era legitimado como pessoa e não por descendência;
  - o poder não se orientava pela tradição, mas pela aplicação do direito do senhor;
  - o direito à terra decorria de distribuição: o senhor o concedia ao usuário de sua escolha (assignatio);
  - o rei era a fonte da lei, ou seja, a "lei viva" (émpsychos nómos), conforme a base filosófica helenística, em oposição à lei codificada da tradição judaica.

Essa nova estrutura de poder (repudiada pelos judeus tradicionais), permitia a Herodes:

- Nomear o sumo sacerdote do Templo: ele destituiu os Asmoneus e nomeou um sacerdote da família babilônica e, mais tarde, da alexandrina;
- Exigir de seus súditos um juramento de obediência, não raro em oposição às normas patriarcais;
- Interferir na justiça do Sinédrio
- Escravizar ladrões e revolucionários políticos, vendendo-os no exterior, sem direito a resgate;

## PODER MILITAR

O poder militar de Herodes baseava-se nos mercenários estrangeiros, aquartelados em fortalezas, ou em terras (cleruquias) a eles destinadas no vale de Jezrael e nas cidades helênicas fundadas pelo rei.

## MORTE DE HERODES O GRANDE

Josefo diz que Herodes morreu depois de um eclipse lunar. Ele faz um relato dos acontecimentos entre este eclipse e sua morte, e entre sua morte e o Pessach. Um eclipse parcial ocorreu em 13 de março de 4 aC, cerca de 29 dias antes do Pessach, e este eclipse é geralmente considerado como o referido por Josefo. Houve, contudo, outros três eclipses totais em torno deste tempo, e há os defensores de ambos os 5 aC - com dois eclipses totais, e 1 aC.

## HERODIAS – CAUSA MORTIS

Herodíade ou Herodias (ca. 15 a.C. — falecida depois de 39) foi uma neta de Herodes, o Grande e irmã de Herodes Agripa I, rei da Judeia.

Herodíade era filha de Berenice e de Aristóbulo IV (filho de Herodes). Teve como primeiro marido Herodes Filipe, filho de Herodes com Mariana, filha do sumo-sacerdote Simão. Herodíade e Herodes Filipe tiveram uma filha, Salomé. Contudo, Herodíade separou-se deste marido para casar com outro meio-tio, Herodes Antipas; este para poder casar com Herodíade, teve que se divorciar da sua primeira esposa, Faséla, filha do rei nabateu Aretas IV. A união foi condenada por João Baptista e gerou animosidade entre o povo, que acusou o casal de incesto.

João acusou publicamente o rei Herodes Antipas de ter tomado por esposa Herodias, esposa de seu meio-irmão Filipe. Herodes tinha se divorciado de sua primeira esposa para se casar com Herodias. Segundo a Lei mosaica, que Herodes afirma seguir, esse casamento é adúltero e ilegal. Em resposta à acusação de João, Herodes mandou prendê-lo, talvez por insistência de Herodias.

### O BANQUETE MALDITO

Pouco antes da Páscoa de 32 EC, Herodes prepara uma grande festa para comemorar seu aniversário. Todos os altos funcionários e oficiais do exército de Herodes, e também as pessoas mais importantes da Galileia, estão presentes. Durante a festa, Salomé, a jovem filha de Herodias com seu ex-marido Filipe, dança para os convidados. Os homens ficam encantados com sua apresentação.

Quando os discípulos de João ficam sabendo, eles vêm e levam o corpo para enterrar. Depois, contam tudo o que aconteceu a Jesus.

### A ALUCINAÇÃO DE HERODES

Mais tarde, Herodes ouve falar que Jesus está curando pessoas e expulsando demônios, e fica com medo. Ele se pergunta se Jesus, o homem que está realizando essas obras, é na verdade João Batista que foi "levantado dentre os mortos". (Lucas 9:7) Assim, Herodes Antipas quer muito ver Jesus, mas não para ouvi-lo pregar. Herodes quer saber se realmente tem motivos para ficar preocupado.

### SEDIÇÕES DE HERODIAS

Herodíade teria incitado o seu marido a ir a Roma procurar uma dignidade semelhante à de Herodes Agripa I, que tinha servido Roma por menos tempo. Herodes Agripa enviou uma carta ao imperador Calígula na qual acusava Antipas de participar num plano para matar o imperador Tibério. Assim, em vez de o promover, Calígula ordenou o exílio de Herodes Antipas para o sul da Gália. A Herodíade foi oferecida a possibilidade de não ser exilada e de manter os seus bens, mas esta recusou a proposta e acompanhou o marido para Lugduno dos Convenas (actual Saint-Bertrand-de-Comminges). A partir de então não se sabe mais sobre Herodíade.

### MAL DE HERODES O GRANDE

Josefo escreveu que a doença final de Herodes - às vezes chamada como "Mal de Herodes"[24] - era insuportável. A partir das suas descrições, alguns peritos médicos propõem que Herodes tinha doença renal crônica complicada por gangrena de Fournier. Os estudiosos modernos concordam que ele sofreu durante toda a sua vida de depressão e paranoia. Sintomas similares estiveram presente na morte de seu neto Agripa I, em 44, sobre quem se relata que os vermes visíveis e putrefação. Estes sintomas são compatíveis com uma sarna, que pode ter contribuído para sua morte e sintomas psiquiátricos..

### NECESSIDADE DE LAMENTAÇÃO OU LUTO

Josefo afirmou também que Herodes estava tão preocupado pela grande probabilidade de ninguém lamentar sua morte, que ele comandou um grande grupo de homens ilustres para vir para Jericó, e deu a ordem dizendo que eles deveriam ser mortos no momento da sua morte para que assim se mostrasse a dor que ele ansiava pela sua perda. Para a felicidade deles, o filho de Herodes Arquelau e sua irmã Salomé não realizaram esse desejo insano e doentio do pai.

## DIVISÃO DO REINO DE HERODES

Após a morte de Herodes, seu reino foi dividido entre três de seus filhos, por Augusto. Augusto "nomeou Arquelau, não para ser o rei de todo o país, mas para ser etnarca, ou metade do que estava sujeito a Herodes, e prometeu dar-lhe a dignidade real doravante, se governasse a sua parte de forma justa. Mas quanto a outra metade, ele dividiu em duas partes, e as deu aos outros dois dos filhos de Herodes, a Filipe e Herodes Antipas, o qual disputou com Arquelau pelo reino todo. Desta forma, para ele era Pereia e Galileia que deveriam pagar seus tributos, que somavam anualmente 200 talentos, enquanto Bataneia com Traconita, bem como Auranita, com uma certa parte do que foi chamado Casa de Lenodoro, pagassem o tributo de 100 talentos à Filipe. Entretanto a Idumeia, e Judeia, e o país de Samaria, pagavam tributo à Arquelau, porém tinham a partir dali uma quarta parte desse tributo retirado por ordem de César, que decretou a eles aquela mitigação, devidos eles não terem se unido nesta revolta com o resto da multidão." [32] Arquelau tornou-se etnarca da tetrarquia da Judeia, Herodes Antipas tornou-se tetrarca da Galileia e Pereia e Filipe tornou-se tetrarca dos territórios a leste do Jordão.

## MARIAMNE I

Mariamne I (falecida em 29 aEC), também chamada Mariamne, a Hasmoneu, era uma princesa hasmoneana e a segunda esposa de Herodes, o Grande. **Ela era conhecida por sua grande beleza**, assim como seu irmão Aristóbulo III. O medo de Herodes por seus rivais, os hasmoneus, **levou-o a executar todos os membros proeminentes da família, incluindo Mariamne.**

Seu nome é escrito Μαριάμη (Mariame) por Josefo, mas em algumas edições de sua obra o segundo m é dobrado (Mariamme). Em cópias posteriores dessas edições, a ortografia foi dissimilada para sua forma agora mais comum, Mariamne. Em hebraico, Mariamne é conhecida como מִרְיָם (Miriam), como no nome bíblico tradicional (ver Miriam, a irmã de Moisés e Aarão).

Mariamne era filha do Alexandros Hasmoneano, também conhecido como Alexandre da Judéia e, portanto, um dos últimos herdeiros da dinastia hasmoneana da Judéia.

## REINO ASMONEU

O **Reino Asmoneu da Judeia** foi um reino governado pela dinastia dos [asmoneus](#) que deteve o controle das regiões próximas e vizinhas da [Judeia](#) durante a [Antiguidade Clássica](#). Entre os anos de [140](#) e [116 a.C.](#), os asmoneus governaram a região da Judeia de maneira bastante autônoma em relação ao [Império Selêucida](#).

Em 110 a.C., o Império Selêucida estava a beira do colapso. A dinastia dos asmoneus foi fundada e liderada inicialmente por [Simão Macabeu](#). Duas décadas mais tarde o irmão de Simão, [Judas Macabeu](#), derrotou as [Tropas Selêucidas](#) na [Revolta dos Macabeus](#), segundo fontes referidas no [Primeiro](#) e [Segundo Livro dos Macabeus](#), incluindo o primeiro livro da história da [Guerra dos Judeus](#), escrito pelo historiador [Flávio Josefo](#), logo após a bem sucedida invasão militar de [Antíoco IV](#), rei do [Egito Ptolomaico](#). Assim, os asmoneus declararam sua independência e expandiram seu território para as regiões de [Galileia](#), [Itureia](#), [Petra](#), [Idumeia](#) e [Samaria](#), autodeclarando-se [basileus](#). Certos arqueólogos se referem a este período como o Reino Independente de Israel.

O título da Dinastia dos Asmoneus nasceu com o ancestral da família, Asamoneus ou Asmoneus (dito pelo antigo historiador judeu [Flávio Josefo](#)), que se diz ter sido o bisavô [Matatias](#), mas além disto não se sabe mais nada. Outra ideia da origem remonta a vila de Cheshmon, que aparece no livro de Josué capítulo 15 verso 27.

No ano de 63 a.C., o reino foi conquistado pela [República Romana](#) e então declarado [estado cliente](#) de [Roma](#). A dinastia dos asmoneus permaneceu no governo por mais de 103 anos, até ser substituída pela dinastia dos [idumeus](#), com [Antípatro \(pai de Herodes\)](#), pai de [Herodes, o Grande](#). Segundo Flávio Josefo, a legitimidade do reinado de Herodes o Grande era contestada, por ele ser um idumeu. Numa tentativa de obter essa legitimidade, ele casou-se com [Mariamne](#), uma asmoneia filha do alto sacerdote do Templo. Ainda assim, ele vivia temeroso de uma revolta popular, razão pela qual teria construído, como refúgio, a [fortaleza de Massada](#).

## IRMÃO DE MARIAMNE I

O único irmão de Mariamne foi Aristóbulo III. Seu pai, Alexandre da Judéia, filho de Aristóbulo II, casou-se com sua prima Alexandra, filha de seu tio Hircano II, para cimentar a linha de herança de Hircano e Aristóbulo, mas a herança logo continuou a contenda sangrenta das gerações anteriores, e, eventualmente, levou à queda da linha hasmoneu. Em virtude do sindicato de seus pais, Mariamne reivindicou a realeza hasmoneana em ambos os lados de sua linhagem familiar.

## ALEXANDRA

Sua mãe, Alexandra, organizou seu noivado com Herodes em 41 aC. Os dois se casaram quatro anos depois em Samaria. Mariamne deu a Herodes quatro filhos: dois filhos, Alexandros e Aristóbulo (**ambos executados** em 7 aC) e duas filhas, Salâmicio e Ciprões.

Josefo escreve que foi por causa da veemente insistência de Mariamne que Herodes fez de seu irmão Aristóbulo um Sumo Sacerdote. Aristóbulo, que não tinha nem dezoito anos de idade, **afogou-se dentro de um ano de sua nomeação**; Alexandra, sua mãe, culpou Herodes. **Alexandra escreveu para Cleópatra implorando sua ajuda para vingar o assassinato do menino**. Cleópatra, por sua vez, instou Marco Antônio a punir Herodes pelo crime, e Marco Antônio mandou que ele fizesse sua defesa. Herodes deixou sua jovem esposa aos cuidados de seu tio Joseph, **junto com as instruções de que, se Antônio o matasse, Joseph mataria Mariamne**. Herodes acreditava que sua esposa era tão bonita que ficaria noiva de outro homem depois de sua morte **e que sua grande paixão por Mariamne o impediria de separar-se dela, mesmo na morte...** Joseph se familiarizou com a rainha e acabou divulgando essa informação para ela e para as outras mulheres da casa, que não tiveram o efeito esperado de provar a devoção de Herodes à esposa. Logo circularam boatos de que Herodes havia sido morto por Antônio, e Alexandra convenceu José a levar Mariamne e ela às legiões romanas em busca de proteção. No entanto, Herodes foi libertado por Antonio e voltou para casa, apenas para ser informado do plano de Alexandra por sua mãe e irmã, Salomé. **Salomé também acusou Mariamne de cometer adultério com José**, uma acusação que Herodes inicialmente rejeitou após discutir com sua esposa. Depois que Herodes a perdoou, Mariamne perguntou sobre a ordem dada a Joseph para matá-la caso Herodes fosse morto, e Herodes ficou convencido de sua infidelidade, dizendo que Joseph só confiaria que os dois eram íntimos. **Ele ordenou que Joseph fosse executado e que Alexandra fosse confinada**, mas Herodes não puniu sua esposa.

Por causa desse conflito entre Mariamne e Salomé, quando Herodes visitou Augusto em Rodes, ele **separou as mulheres**. Ele deixou sua irmã e seus filhos em Masada enquanto ele mudava sua esposa e sogra para Alexandria. Mais uma vez, Herodes deixou instruções de que, caso morresse, a acusação do governo deveria ser deixada para Salomé e seus filhos, **e Mariamne e sua mãe seriam assassinadas**. Mariamne e Alexandra foram deixadas sob a responsabilidade de outro homem chamado Sohemus, e depois de ganhar sua confiança novamente, ficaram sabendo das instruções dadas por Herodes se o mal acontecesse a ele. Mariamne convenceu-se de que Herodes não a amava de verdade e se ressentia de não permitir que ela sobrevivesse a ele. Quando Herodes voltou para casa, Mariamne tratou-o friamente e não escondeu seu ódio por ele. Salomé e sua mãe aproveitavam esta oportunidade, alimentando informações falsas de Herodes para alimentar sua antipatia. Herodes ainda a favorecia; mas ela se recusou a ter relações sexuais com ele e o acusou de matar seu avô, Hircanus II e seu irmão. Salomé insinuou que Mariamne planejava envenenar Herodes, e **Herodes mandou torturar o eunuco favorito de Mariamne para colher informações**. O eunuco não sabia nada de uma trama para envenenar o rei, mas confessou a única coisa que sabia: que Mariamne estava insatisfeita com o rei por causa das ordens dadas a Sohemus. Indignado, Herodes pediu a imediata execução de Sohemus, mas permitiu que Mariamne fosse julgada pelo suposto plano de assassinato. Para ganhar o favor de Herodes, a mãe de Mariamne até sugeriu que

Mariamne estava planejando cometer lèse majesté. **Mariamne foi finalmente condenada e executado em 29 aC. Herodes ficou enlutado por ela por muitos meses.**

#### A ASCENSÃO POLÍTICA DE HERODES

Em 49 a.C., César pensava em servir-se de um dos descendentes dos Macabeus, Aristóbulo II, confiando-lhe duas legiões para combater os partidários de Pompeu (os pompeianos) no Oriente. Mas esse projeto fica frustrado, pois Aristóbulo é envenenado e Alexandre, seu filho, decapitado pelos pompeianos em Antioquia. Após a vitória de César em Farsala em 48, Hircano II e seu ministro Antípater se apressam a entrar para o partido do novo senhor de Roma. Para provar sua fidelidade, Antípater oferece três mil homens a César, então em dificuldade em Alexandria e Hircano insiste com os judeus do Egito para se unirem ao ditador. Em 47, os decretos em favor de Hircano vêm testemunhar o reconhecimento de César.

Mas Hircano, embora sumo sacerdote e etnarca dos judeus, não têm senão uma autoridade teórica, pois Antípater, que César nomeou epitropos (procurador) governa de fato; ele lança, aliás, as bases da sua sucessão nomeando seus dois filhos, Fasael e Herodes, o primeiro estrategista de Jerusalém, o outro, estrategista da Galiléia. Em 43 Antípater procura entrar para o círculo dos amigos de Cássio, um dos assassinos de César, então procônsul da Síria; este último, obrigado a sustentar um exército importante, ordena na Palestina a cobrança de um imposto de 700 talentos. Herodes é nomeado estrategista da Celessíria, mas seu pai é envenenado por esta ocasião.

Após a derrota dos Republicanos em Filipos em 42, Marco Antônio vem à Ásia Menor para tentar normalizar a situação do Oriente; recebe sucumbidamente uma delegação dos judeus, depois uma de Hircano e enfim Herodes que vem pessoalmente. Fasael e Herodes são nomeados tetrarcas do território judeu.

Em 40, Antígono, filho de Aristóbulo, tenta retomar o poder, buscando o auxílio dos partas.



Fasael e Hircano são presos, ao passo que Herodes consegue refugiar-se junto aos nabateus. Ao saber disto — nos diz Flávio Josefo — Fasael, certo de que seria vingado pelo irmão, não hesita em suicidar-se para escapar às sevícias dos partas. Antígono manda cortar as orelhas de Hircano para torná-lo inapto para o sacerdócio. Contudo, a vitória do príncipe asmoneu devia ser de curta duração: é que, sem temer as tempestades do outono, Herodes embarcara para defender sua causa em Roma diante de Antônio e de Otávio, com sucesso, aliás, pois os Triúnviros lhe reconhecem o título de rei. Voltando em 39, organiza um exército e se lança à conquista do seu reino. Em 38 toda a Palestina, exceto Jerusalém, está nas suas mãos. Com o auxílio dos romanos toma a cidade em 37. Antígono, que se comporta com pouca honradez, é decapitado pelos romanos.

Herodes, porém, ainda não conquistou sua tranqüilidade, pois em 37, Marco Antônio, voltando ao Oriente, dá a Cleópatra, rainha do Egito, a costa siropalestina, a Celessíria, a Cilícia e Chipre (o que corresponde ao território pertencente aos Lágidas na época da grande expansão do Egito). Herodes é então obrigado a colaborar com a política de Antônio e de Cleópatra, fornecendo-lhes dinheiro e víveres. No ano seguinte, a rainha do Egito recebe além do mais o produto dos balsameiros de Jericó e uma parte do território nabateu.

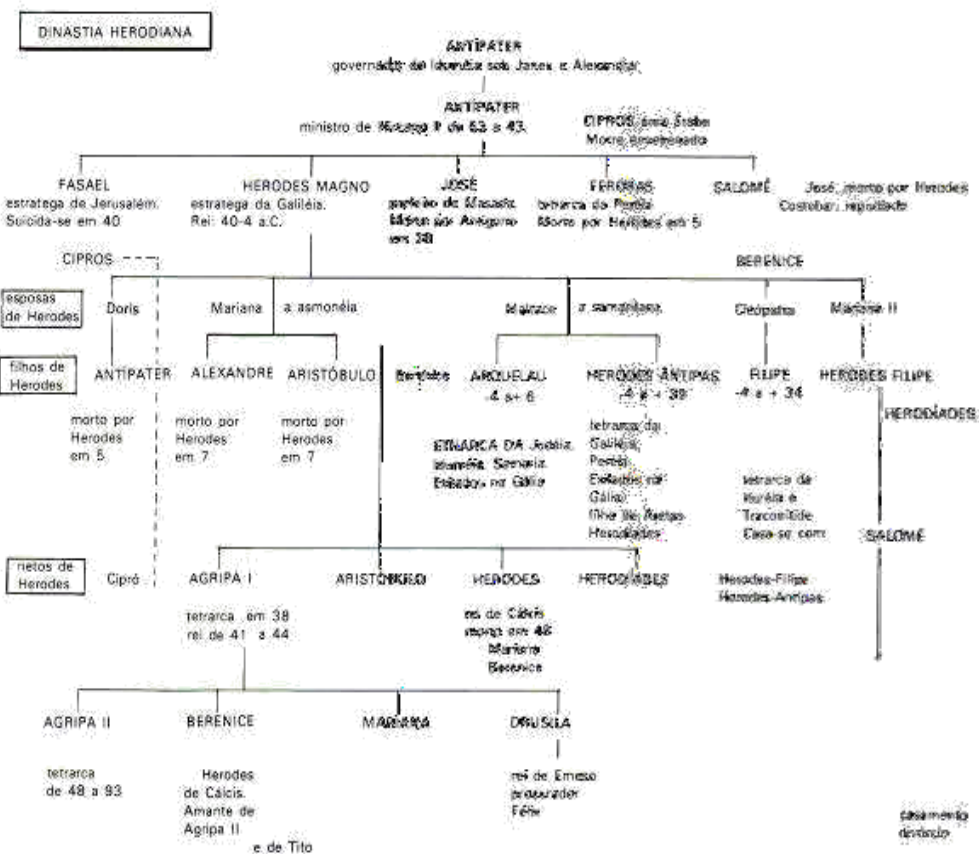
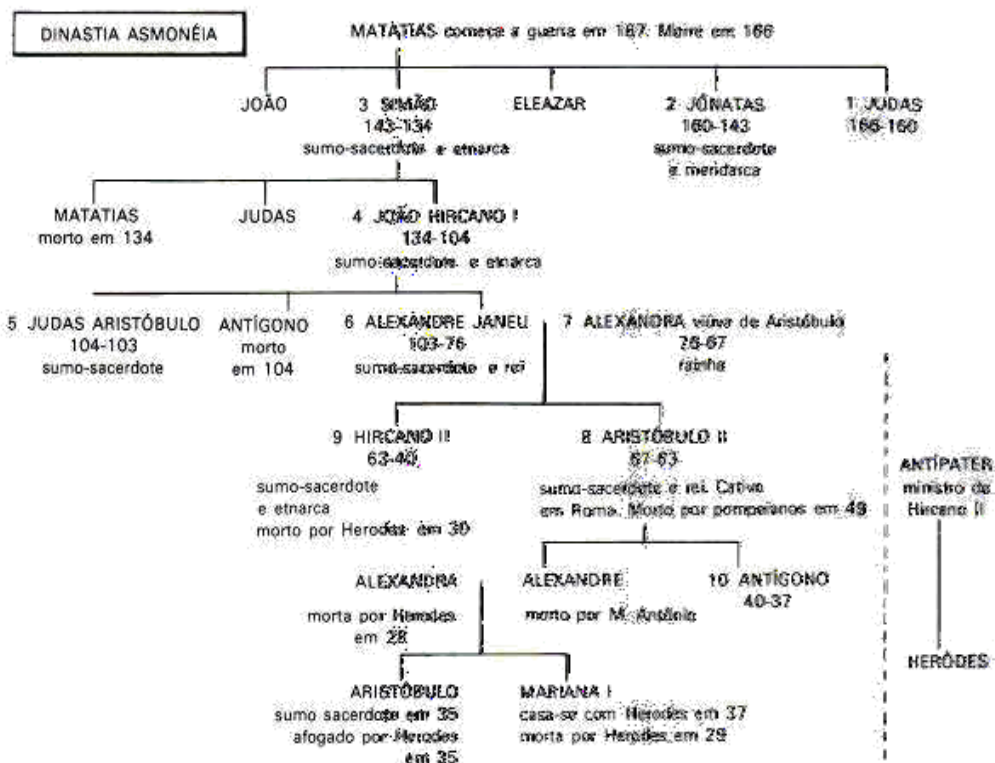
No momento da derrota de Antônio em Actium, em 31, Herodes não hesita em ir ao encontro de Otávio para lhe exprimir sua submissão, dum modo muito hábil, se dermos crédito a Flávio Josefo: dá a entender que foi fiel a Antônio até o último momento e agora que o Triúnviro perdeu seus poderes, ele, Herodes, não hesita em passar para o lado do vencedor, não para mudar de partido, mas para respeitar o ideal de suas ligações com Roma.

## A POLÍTICA DE HERODES

Príncipe de tipo helenístico, mas de origem árabe, sem parentesco com a família dos Asmoneus, Herodes jamais conseguiu conquistar a simpatia dos judeus piedosos. Era filho dum idumeu, Antípater, e duma nabatéia; ora, os idumeus (no sul da JUDÉIA) vencidos em 126 por João Hircano, tinham sido obrigados a se judaizar e portanto não eram considerados como fiéis de boa cepa; é por isso que Herodes não exercerá o ofício de sumo sacerdote, e o confiará a homens sem valor. Por outro lado, para legitimar seu poder, procura ligar-se aos Asmoneus desposando em 37 Mariana, neta de Aristóbulo II pelo lado do pai e de Hircano II pelo da mãe. Este cálculo político, aliás, não o impediu de amar apaixonadamente sua esposa, que ele mandará executar por ciúme em 29. Além disso, seu amor pela civilização grega se percebe no gosto que tem pelas grandes obras, pelos jogos e pelos espetáculos. Extraordinária figura de aventureiro, deve seu êxito ao seu senso do possível: sabendo que não era bastante poderoso para sacudir o jugo romano e, ao mesmo tempo, que não era bastante popular para dispensar seu apoio, sempre quis, prioritariamente, agradar a Roma. Isto é suficiente para tornar compreensível todo o seu governo.

Antes de tudo, é um soberano construtor: faz numerosas construções em honra de Augusto; assim reedifica Samaria, à qual deu o nome de Sebaste (equivalente grego de Augusto); funda uma nova cidade, na costa, no local denominado "a Torre de Estraton" e dá a este porto o nome de Cesaréia (a nossa Cesaréia marítima); funda também Antipátrida, em homenagem a seu pai e edifica uma cidade de tipo helenístico perto de Jericó, a qual denominou Fasaelis em recordação do seu irmão. Restaura diversas fortalezas, nas quais constrói palácios para si: Herodium, Maqueronte, Masada. Um hipódromo é inaugurado perto de Jerusalém.

Ele não hesita tampouco em instituir jogos quadrienais em honra de Augusto, em Cesaréia e até mesmo em Jerusalém. Rodeia-se de eruditos formados nas letras gregas, como por exemplo, Nicolau de Damasco (cuja história infelizmente perdida teria permitido confrontar e criticar as afirmações de Josefo).



## A RECONSTRUÇÃO DO TEMPLO

Para satisfazer aos judeus, incrementa a reconstrução do Templo e o faz embelezar; por esta ocasião, teve de mandar ensinar o ofício de pedreiro a mil levitas, para evitar que simples operários profanassem os locais reservados aos sacerdotes.

## REVOLTA DOS SADUCEUS

No tocante aos fariseus, sua política é geralmente dura. Aliás, ele trata mal também aos Saduceus, por causa da ligação deles com os Asmoneus. Em 25 uma primeira conspiração de fariseus é cruelmente reprimida. E, embora nem sempre se deva tomar Josefo ao pé da letra, parece que, com o passar dos anos, seu poder se tornou cada vez mais despótico.

Do ponto de vista econômico, seu reinado foi até benéfico. A criação de Cesaréia garante a possibilidade de comércio externo pelo Mediterrâneo. O restabelecimento da calma interior, a repressão do banditismo garantem a segurança do mercado interno. No momento da fome de 25, ele manda fundir sua baixela de prata para custear as compras de gêneros alimentícios; em 20 reduz de um terço os impostos e de um quarto em 14 a.C.

Em geral, gozou da confiança de Augusto e jamais deixou passar uma oportunidade de lhe agradecer e lhe testemunhar sua solicitude e sua fidelidade.

## DISPUTAS DINÁSTICAS

O fim da sua vida foi obscurecido pelas disputas dinásticas. A oposição vem dos dois filhos nascidos da sua união com Mariana: Alexandre e Aris tóbulo. Esse conflito quase lhe faz perder a confiança de Augusto. No entanto, tendo o imperador ordenado a constituição, em Beirute, de um tribunal composto de romanos e de judeus, os dois jovens foram condenados e executados, junto com 300 cúmplices, no ano 7 a.C. Depois foi Antípater, filho de Mariana II, que, nomeado herdeiro do pai, trama contra ele. Antípater é enviado preso para Roma. Doente e próximo do fim, Herodes ainda manda para a fogueira dois fariseus que haviam conspirado contra ele. Morre em Jericó em 4 a.C, não sem ter tido tempo de mandar matar, com a permissão imperial, seu filho Antípater. Flávio Josefo acrescenta que ele havia ordenado a execução de nobres judeus, encerrados no hipódromo, dizendo que assim haveria choro no momento da sua morte . . .

## A SUCESSÃO DE HERODES

Pouco antes da morte, Herodes determinara como seria sua sucessão: Arquelau, filho de Maltace, uma samaritana, herdaria o título de rei; Herodes Antipas se tornaria tetrarca da Galiléia e da Peréia; Herodes Filipe, filho de Cleópatra, seria o tetrarca da Gaulanítide, da Traconítide, da Batanéia e de Pânias.

Desde o início do seu reinado, Arquelau teve que reprimir uma revolta fomentada pelos fariseus; ao mesmo tempo, seu título lhe era contestado por Herodes Antipas, que antes

havia sido designado por Herodes para lhe suceder. Diversas delegações chegam a Roma para apresentar suas reivindicações; mas, após refletir, Augusto confirmou quase exatamente os termos do testamento de Herodes: Arquelau conservava a Judéia, a Iduméia e a Samaria, mas deveria contentar-se com o título de etnarca; Antipas era tetrarca da Batanéia, da Auranítide e da Traconítide. No entanto, esta disposição não foi duradoura. Arquelau causou escândalo ao desposar uma princesa da Capadócia, casada anteriormente com Alexandre (filho de Mariana I) e com Juba da Mauritânia. Além disso, considerado cruel e brutal, foi acusado perante Augusto por uma delegação de judeus e de Samaritanos. No ano 6 d.C., o imperador depôs Arquelau e o exilou para a Gália; daí em diante, a etnarquia da Judéia, Iduméia, Samaria, será confiada a um procurador.

## ANEXO II - FESTIVAIS ROMANOS

### LUPERCÁLIA

Em fevereiro, seguindo o nosso calendário, ocorria o festival das Lupercalia. Os Lupercos (Luperci) eram uma confraria (colegium) de sacerdotes que celebravam, em Roma, o culto de Fauno Luperco. Tratava-se de uma procissão que tinha lugar em 15 de fevereiro, na qual os Lupercos nus davam à volta no Palatino, flagelando-se com correias cortadas da pele de uma cabra que tinham acabado de imolar. As mulheres se colocavam à margem da passagem dos sacerdotes, esperando receber parte do sangue aspergido por eles, visto como capaz de garantir a fertilidade. O sacerdote responsável por imolar a cabra tocava na testa dos Lupercos com a sua faca ensanguentada e a marca deixada era limpa, então, com um floco de lã embebido em leite. Neste momento, os Lupercos deveriam fazer ouvir uma gargalhada ritual. O sacrifício compreendia também a imolação de um cão. O santuário de Fauno Luperco, de onde saía a procissão, era uma gruta na qual, segundo a tradição, a loba tinha amamentado Remo e Rômulo. Essa gruta sagrada, considerada o berço da cidade de Roma, estava à sombra de uma figueira, a figueira Ruminal, de onde brotava uma nascente, vista como a nascente do poder dos romanos

### PARILIA, CERIALIA E VINALIA

Depois, em abril, havia as festas de início do ano agrário, nas quais pedia-se o apoio das divindades para uma boa colheita. Ocorriam as Parilia, as Cerialia e as Vinalia, que comemoravam, com procissões festivas, o florescimento das parreiras e a produção vinícola, dentro do culto da deusa Ceres, divindade vinculada à agricultura.

### VESTALIA

Em junho, tínhamos as Vestalia e as Matralia, festas em honra à deusa Vesta, protetora junto com suas sacerdotisas, as Virgens Vestais, do fogo comum da cidade, e das matronas romanas, as mulheres casadas e mães de filhos, que seriam os futuros cidadãos romanos.

Nas Vestalia, os burros jovens eram coroados com flores e não trabalhavam, e honrava-se com sacrifícios de burros mais velhos a castidade das sacerdotisas. Nas Matralia, festejava-se, em 11 de junho, Mater Matuta, ou seja, a deusa da manhã, da aurora, pois a cada alvorecer a cidade se restabelecia da mesma forma que cada parto significava a manutenção dos romanos. Do culto desta deusa participavam mulheres livres, casadas uma única vez e que tivessem o marido ainda vivo. O templo de Mater Matuta ficava no Forum Boarium, onde se realizavam sacrifícios e procissões em honra desta deusa.

### VOLCANALIA

Em 23 de agosto se davam as Volcanalia, isto é, as festas em honra do deus Vulcano, protetor dos artesãos, principalmente dos ferreiros, e dos pescadores. Era usual, nestas festas, lançar no fogo pequenos peixes e outros pequenos animais, pois se acreditava que estas oferendas representavam vidas humanas, para cuja conservação eram oferecidos aos deuses os referidos animais (Grimal, 1992:467).

### SATURNÁLIA

Já de 17 a 24 de dezembro, tínhamos as Saturnalia, em honra de Saturno, divindade que teria ensinado os homens a cultivar a terra. Por isso, era sempre representado carregando uma pequena foice e identificado como aquele que cultivava e podava a vinha. Os dias de festa finalizavam o ano agrário e religioso e as festividades

apresentavam um caráter mais licencioso, durante as quais se subvertiam as hierarquias sociais, com os escravos mandando em seus senhores e estes servindo a mesa dos banquetes.

#### ROBIGALIA

Mas havia também as festas comunitárias, como as cavalgadas de 19 de março e de 19 de outubro, a corrida de sacos das Robigalia

#### CONSUALIA

Em 25 de abril, as corridas a pé ou com mula das Consualia em 21 de agosto e 15 de dezembro,

#### LUDI PESCATORI

O concurso de pesca com vara dos Ludi Pescatorii de 8 de junho,

#### EQUUS

As corridas de cavalos do Equus October de 15 de outubro,

#### LUDI MARTIALES

Os combates gladiatórios dos Ludi Martiales, em honra a Marte, em 1 de agosto.

#### ANNA PERENNA

Havia ainda a invocação de Anna Perenna. Divindade romana muito antiga, honrada num bosque na Via Flamínia, ao norte de Roma, era representada como uma mulher velha que se transformava numa jovem. Representava a passagem de um ano para outro de forma eterna, perena. Era comemorada com banquetes públicos na zona rural, próximos de nossos convescotes (Grimal, 1992:24-25).

Além dessas festividades, Florence Dupont analisou o chamado ciclo da guerra, que se estendia de março a outubro. Iniciava-se com as danças Sállicas, realizadas em 14, 17, 19 e 23 de março. Nelas, os sacerdotes Salii se vestiam como antigos guerreiros, formavam dois grupos e representavam os dois Martes: o furioso e o tranquilo, coreografando táticas de defesa e de ataque (Dupont, 2001:199). O nome dos guerreiros dançarinos advinha de Sálío, companheiro de viagem de Enéas. Em julho ocorriam os sacri- fícios de animais realizados no templo de Castor e Pólux, os Dióscoros, filhos de Zeus com Leda, irmãos de Helena e Clítmnestra. Como Zeus se uniu a Leda em forma de cisne, eles teriam nascido de ovos. São represen- tados como heróis jovens e combatentes (Grimal, 1992:123). Em 13 de se- tembro havia o aniversário do templo de Júpiter Capitolino, comemorado com jogos e sacrifícios. Em outubro realizavam-se principalmente jogos gladiatórios, corridas de carros e triunfos em honra dos generais e das tropas que voltavam vitoriosas.

Os triunfos eram procissões festivas, verdadeiras paradas militares e religiosas, nas quais se reconhecia publicamente a contribuição do exército e de seus generais para a segurança e prosperidade do Estado. Tornaram-se mais comuns na República, com a expansão imperial romana. O comandante vencedor oferecia um modelo de heroísmo, sacrifício e vitória na defesa dos assuntos romanos. Segundo Donald G. Kyle, os romanos viram ao menos 300 triunfos (Kyle, 2007:260), que combinavam elementos religiosos, ligados a Júpiter e Marte, militares e políticos. Tanto os triun- fos quanto os funerais

envolviam sacralidade, honra familiar, organização orquestrada, interação entre participantes e espectadores e provisões de generosidade, por isso também podem ser identificados como festas, pois o público presente era testemunha e beneficiário das mesmas.

Anualmente, celebrava-se em todo o Império, por intermédio de aclamações, o dia de aniversário da recepção do imperium pelo Príncipe, os chamados dies imperii. Porém, as festas denominadas de decennalia tinham outra amplitude. Davam lugar a cerimônias e jogos espetaculares e eram comemoradas com a construção de grandes obras públicas. Eram sempre realizadas em Roma com a presença do Imperador. A festa decenal era realizada ao início do décimo ano e não ao seu fim devido a essa prática tradicional, as festividades de Septímio Severo, por exemplo, foram em 202 d.C. e não em 203 d.C., já que recebeu o título de imperator e o reconhecimento do Senado pela primeira vez em 193 d.C. (Chastagnol, 1984:93). E estas festividades em Roma contaram com uma importante testemunha ocular, Dion Cássio, que nos deixou em sua obra a sua descrição dos festejos.

Segundo Dion:

Na ocasião do décimo aniversário de sua ascensão ao poder, Severo presenteou o conjunto daqueles que se beneficiavam das distribuições de trigo (a plebe frumentária) e os soldados da Guarda Pretoriana com moedas de ouro em igual número aos anos de seu reinado. Ele vangloriou-se de sua generosidade, e, de fato, nenhum Imperador anterior tinha gasto tanto dinheiro com a população. Estima-se que gastou no total duzentos milhões de sestércios (cinquenta milhões de dracmas) (Dion Cássio, LXXVII, 1.1).

Segundo Fergus Millar, este pequeno estrato do texto diôneo é a descrição mais detalhada que existe de um congíario, ou seja, da distribuição de moedas à plebe, pois, segundo ele, se percebe que o congíario era calculado em aureos. Ele afirma que a generosidade do ano de 202 d.C. equivaleu a um quarto dos ganhos anuais do Estado romano (Millar, 1991:155- 156), demonstrando a importância política e econômica desta distribuição no início das festas decenais.

## FESTAS DE CASAMENTO

“As núpcias de Antonino, filho de Severo, e de Plautila, filha de Plautiano, foram celebradas neste momento. E Plautiano deu a sua filha um dote suficiente para garantir o casamento de cinquenta princesas. Nós vimos os presentes quando foram carregados do Fórum para o Palácio” (Dion Cássio, LXXVII, 1.2).

Percebe-se, desta forma, como os casamentos, eventos iminentemente privados, eram publicizados pelo transporte do dote e dos presentes em via pública e pela ocorrência de banquetes públicos em honra dos noivos. Plautiano, por exemplo, aproveitou a ocasião e a afluência de pessoas para Roma, para assistirem a realização da festa, para expor publicamente sua riqueza, seu poder e sua proximidade com a família imperial. Além de casar sua filha com o Príncipe herdeiro, Plautiano forneceu um dote descomunal que foi carregado como uma procissão do Fórum para o Palácio.

## BANQUETES

Como era necessário também integrar os aristocratas na festividade, segundo Dion, foi oferecido um banquete:

E nós participamos juntos de um banquete, em parte real em parte com um estilo bárbaro, no qual foram servidos não somente todas as costu- meiras carnes cozidas, mas também carne crua e diversos animais ainda vivos (Dion Cássio, LXXVII, 1.3).

No banquete se revigoravam as forças dos convivas e se uniam em torno da família imperial os principais cidadãos do Império. Este banquete era tanto nupcial, pois sucedeu o casamento de Caracala, quanto de comemoração pelo poder que se mantinha há dez anos. Ele integrava, segundo André Chastagnol, os atos religiosos às festas decenais. Antes do banquete, havia sacrifícios e libações e se faziam procissões religiosas pela cidade até o templo de Marte, buscando-se o apoio das divindades ao governo comemorado (Chastagnol, 1987:493-496).

## ESPETÁCULOS ROMANOS EM BANQUETES

E não se concebia organizar uma festa sem que jogos e espetáculos ocorressem. Como nos diz Dion Cássio:

“Neste tempo, ocorreram todos os tipos de espetáculos em honra do retorno de Severo, da comemoração de seus dez primeiros anos no poder e de suas vitórias. Nestes espetáculos, lutaram uns com os outros, a um sinal dado, sessenta javalis selvagens de Plautiano, junto com vários outros animais selvagens, que foram mortos, incluindo entre eles um elefante e um corocottas (uma espécie de hiena). Este último animal é uma espécie indiana, que foi introduzida em Roma neste momento pela primeira vez, segundo meu conhecimento. Tinha a cor de uma leoa e de um tigre combinados, e a aparência geral destes animais, como também de um cachorro e de uma raposa, curiosamente listrado. No centro do anfiteatro foi construído um grande receptáculo de água dentro do qual se construiu um navio, e este navio era capaz de receber e de liberar quatrocentas feras de uma só vez. Depois o navio foi bruscamente escondido na água, e de dentro dele passaram a surgir na arena ursos, leoas, panteras, leões, aves- truzes, asnos selvagens, bisões (este é uma espécie de boi estrangeiro em espécie e aparência). Então, setecentos animais ao todo, entre selvagens e domesticados, um de cada vez ou ao mesmo tempo, foram sendo abati- dos, enquanto corriam para todos os lados. Para corresponder a duração da festa, que durou sete dias, o número de animais abatidos foi sete vezes cem” (Dion Cássio, LXXVII, 1.4-5). Herodiano afirma, dirigindo-se aos seus leitores orientais, que entre os romanos existia uma forma de homenagem póstuma ao soberano, uma timé, que se chamava consecratio ou apotheosis (Herodiano, IV.2). Contudo, o que ele realmente relata é o funus imperatorum, isto é, a cerimônia de cremação do soberano, e não a consecratio em si, que era uma atitude sena- torial posterior ao funeral narrado. O autor começa afirmando que: “Por toda a cidade aparecem demonstrações de luto em combinação com festas e cerimônias religiosas” (Herodiano, IV.2.1).

## FUNERAIS

Outra festividade romana eram os funerais. Neles se misturavam as esferas pública e privada, pois ao lamento da família pela perda de um ente, dependendo da riqueza e do status social desta família, juntavam-se ações públicas, como banquetes em honra do morto e jogos gladiatórios, onde se expiava o sangue do defunto. Para Jean-Claude Richard, os funerais, desde suas origens, apresentavam vários aspectos militares. Ele é um dos defensores da concepção de que as ideologias do triunfo e da apoteose/consecratio tinham pontos comuns, pois os funerais dos homens julgados detentores **de ações boas o suficiente para serem transformados em divindades depois**



**da morte evocavam certos aspectos das pompae triumphales.** Esta cerimônia indicaria honras militares, de origem muito antiga, rendidas aos generais enquanto chefes das legiões. Deste modo, ele entendeu e procurou explicar a presença da cavalaria e da infantaria na cerimônia de apoteose.

Na concepção de Richard, o triunfo já era uma pré-divinização imperial, pois mais que uma comemoração, já se constituía numa promessa de apoteose. No triunfo, a um general vitorioso era permitido escapar da condição humana e partilhar provisoriamente a condição dos deuses. Na apoteose, ao morto era dada a possibilidade de compartilhar a imortalidade divina por intermédio da manutenção de sua memória. Por isso também era importante se guardar o *luctus publicus*, uma semana de luto em memória do morto (Richard, 1978: 1125-1127).

Sendo assim, a realização desta cerimônia e a sua posterior divulgação auxiliavam também o Imperador a fortalecer a sua imagem de Piedoso. Além disso, a divinização dos Imperadores mortos se unia ao culto imperial, um importante fator de coesão política dentro do Estado romano. Mediante a dedicação de estátuas e as devoções, que eram muito mais prestações de homenagem do que adoração nas províncias ocidentais, as cidades e os súditos dos Imperadores demonstravam sua lealdade e seu comprometimento com a manutenção da ordem política vigente (Nock, 1966:481-483). A divinização imperial era, assim, um símbolo de unidade e identidade que englobava culturalmente todos os habitantes do mundo romano (Hopkins, 1978:231).

Segundo R. Huntington e P. Metcalf, os ritos funerários do governante comportavam características especiais pelo fato de que formavam parte de um drama político, no qual estavam implicadas muitas pessoas (Huntington; Metcalf, 1979:122). O funeral do imperador, que era ao mesmo tempo general, legislador, chefe de Estado, sacerdote e patrono, apresentava implicações simbólicas e políticas de enorme alcance. Implicações estas tão importantes que vários soberanos deixaram os seus mandata de funere, ou seja, disposições escritas específicas sobre o funeral que gostariam de ter. Conhecemos por Suetônio que Júlio César, por exemplo, incluiu em seu testamento de 45 a .C. os mandata de funere, que gostaria de ver aplicados (Suetônio, 83.1).

#### APOTEOSE- O FUNERAL DIVINO

Era muito comum, desde a República, a realização da pompa circensis e do oferecimento de jogos em honra do morto e, posteriormente, de um banquete fúnebre (*silicernium*), para purificar a família do morto (Arce, 1988:175). Entretanto, sabe-se que o Senado costumava decretar o *iustitium*, situação de origem republicana na qual se suspendiam todas as atividades da cidade, para que os magistrados pudessem assumir suas funções militares no caso de um eventual tumulto, pela comoção popular. Ordenava-se o fechamento dos mercados, das termas, das casas de espetáculos, e a suspensão das atividades do próprio Senado. Com o tempo, ele foi sendo identificado com o *luctus* pela morte dos imperadores. É importante lembrar que se trata de um *funus publicum*, realizado às expensas do Estado, integrando, portanto, parte do calendário cívico.

A seguir, de acordo com Herodiano:

Enterram o corpo do imperador morto ao modo do resto dos homens, ainda que com um funeral faustoso. Porém, logo modelam uma imagem de cera, inteiramente igual ao morto, e a colocam sobre um enorme leito de marfim coberto com roupas douradas, que é exposto no alto do átrio do palácio. A imagem reflete a palidez de um homem enfermo. O leito fica rodeado de gente a maior parte do dia. Os Senadores em peso se situam no lado esquerdo, vestidos com mantos negros; à direita estão todas as mulheres

as quais a dignidade de seus maridos ou pais permitem que sejam partícipes desta alta honra. Nenhuma delas leva ouro nem colares, e vestidas de branco e sem adornos, oferecem uma imagem de dor. Esta cerimônia se cumpre durante sete dias. Cada dia os médicos acodem e se aproximam do leito, simulando que examinam o enfermo, a cada dia anunciando que está piorando (Herodiano, IV.2.2-3).

Outra pesquisadora que tem enfatizado a importância das cerimônias, rituais e festas em Roma, para o fortalecimento da identidade e criação do consenso, é Florence Dupont. Em sua obra *L'Acteur-Roi ou le Théâtre dans la Rome Antique*, ela enfatiza que a autoridade é conquistada às custas de uma liderança carismática que precisa desenvolver um componente visual. Para ela, uma das mais importantes cerimônias da "política do espetáculo romana" foi exatamente a apoteose dos soberanos mortos feita pelos seus sucessores. Nela cada setor social tinha a possibilidade de se estruturar hierarquicamente. O olhar do cidadão era necessário para que se instaurasse a clivagem entre governantes e governados, entre magistrados e plebeus, entre senadores e cavaleiros. Por isso, eles possuíam lugares tão demarcados. E durante a cerimônia, o Imperador se fazia visível como Imperador, fechando a procissão fúnebre. Era também primordial a integração dos provinciais por intermédio da representação das regiões conquistadas e das oferendas dadas e lançadas na pira, para serem queimadas junto com a efígie de cera. A elite provincial dependia da legitimidade do Imperador para também se legitimar como elite. Por isso, sua presença na cerimônia era fundamental (Dupont, 1985:13-14).

Como demonstra C. J. Simpson, fazer a apoteose de alguém era demonstrar uma apropriada piedade em relação ao morto (Simpson,

#### FESTIVIDADES E POLITICA

Quanto maior o império, maiores as festas que a nobreza e os aristocratas ofereciam. O que dizer sobre o Império Romano, um dos maiores de todos os tempos? Tamanho era o gosto deles por jantares luxuosos e festas, que costumavam evoluir para orgias, que alguns políticos resolveram a baixar leis para moderar a farras. Uma delas, a *Antia Lex*, do século I, limitava os gastos com essas comemorações e instituía que os magistrados só poderiam jantar fora se fosse na casa de determinadas pessoas. Claro, ninguém obedeceu. Acabou sobrando para o autor, *Antius Resto*. Segundo o filósofo *Macrobius*, como todos continuavam com suas orgias, para não contrariar a própria lei ele nunca mais foi visto jantando fora.

Outro bom exemplo da paixão romana pelos banquetes é personificado por *Marcus Gavius Apicius*. Amante da boa vida, gastava verdadeiras fortunas em seus jantares. Entre suas extravagâncias, adorava língua de flamingo e nunca servia couve – chegou a dizer ao filho do imperador *Tibério* que era "comida de pobre".

A melhor forma de demonstrar poder era oferecer jantares

Um aristocrata podia medir seu prestígio com o número de jantares e festas ao qual era convidado. Ser convidado para os jantares certos, como os organizados pelo general *Lucius Lucullus* (110-56 a.C.), também era uma honra. Melhor que isso, só mesmo oferecer o jantar. Vestir a toga era um privilégio masculino que escravos ou mulheres não usufruíam. Elas vestiam a *stola*, vestido de linho recoberto com a *palla*, um manto. Outras maneiras de elas ostentarem: penteados inusitados e jóias, muitas jóias.

#### DANÇA ERÓTICA

Além da lira, a música era tocada com chitara e tambores vindos do Egito ou castanholas da Espanha. Com ela, a orgia também começava. O *cordax*, por exemplo,

era uma dança grega, altamente erótica, que despertava as paixões. Quanto mais escravos, melhor. Eles serviam para trocar os potes de água quente para os convidados limparem as mãos, espantar moscas ou como objeto sexual. Luxo era designar que alguns com uma tocha levassem os convidados para casa.

#### DIANA NEMORENSE

Em homenagem à Diana Nemorense – assimilada à deusa grega Artemide – foi construído um templo frequentado até o período imperial e abandonado com a difusão do Cristianismo. Hoje restam os vestígios arqueológicos do complexo, mas além da fama de cidade de veraneio de imperadores e de grande produtor de morangos, Nemi é visitada porque abriga o Museo delle Navi Romane.



No fundo do lago foram descobertos dois gigantescos navios de mais de setenta metros de comprimento realizados por ordem do imperador Calígula. As embarcações eram tão grandes que mais pareciam palácios flutuantes decorados com materiais como mármore, estátuas de bronze e marfim.



Calígula tinha péssima reputação e pelo que muitos históricos contam, provavelmente os navios serviam de palco para festas e bacanais que podiam durar vários dias. Não se sabe ao certo o motivo pelos quais as embarcações afundaram, mas a hipótese mais provável é que depois da morte de Calígula em 41 d.C, para apagar a sua memória (damnatio memoriae) o Senado romano tenha ordenado a sua destruição.

#### DANÇAS ROMANAS

Outros tipos de danças eram freqüentemente realizados em entretenimentos, tanto em Roma quanto na Grécia, por courtezans, muitos dos quais eram de natureza muito indecente e lasciva (Macrob. Sáb. II.1.6; Plaut. Stich. V.2.11). . O bailarino parece ter representado freqüentemente bacanais: muitos desses dançarinos aparecem nas pinturas encontradas em Herculano e Pompéia em uma variedade de atitudes graciosas (ver Museo Borbonico, vol. VII. Tav. 34-40, vol. IX tav. 17, vol. X. tav 5, 6, 54).

Entre as danças realizadas sem armas, uma das mais importantes foi a ὄρμος, que foi dançada em Esparta por jovens e donzelas juntos; os jovens dançaram primeiro alguns movimentos adequados à sua idade e de natureza militar; a donzela seguiu passos medidos e com gestos femininos. Lucian (de Sal. 12) diz que foi semelhante à dança realizada na Gymnopaedia (compare Müller, Dor. IV.6 §5). Outra dança comum em Esparta foi o Bibasis (βίβασις), que era muito praticado tanto por homens quanto por mulheres. A dança consistia em saltar rapidamente do chão e golpear os pés para trás; um feito do qual uma mulher espartana em Aristófanes (Lysistr. 28) se orgulha (γυμναδδομαι γα και ποτι πυγαν ἄλλομαι). O número de golpes de sucesso foi contado e os prêmios mais habilidosos recebidos. Nos é dito por um verso que foi preservado por Pollux (IV.102), que uma garota laconiana dançou o bibasis mil vezes, o que era mais do que já tinha sido feito antes (Müller, Dorians, IV.6 §8).

A dança era comum entre os romanos na antiguidade em relação a festivais e ritos religiosos, e era praticada de acordo com Servius (ad Virg. Ecl. V.73), porque os antigos pensavam que nenhuma parte do corpo deveria estar livre da influência. da religião. As danças dos Salii, que foram realizadas por homens de famílias patrícias, são faladas em outros lugares [Salii]. Orysius (VII.72) menciona uma dança com armas no Ludi Magni, que, de acordo com seu plano habitual de referir todos os antigos usos romanos para uma origem grega, ele chama de Pyrrhic. Havia outra velha dança romana de natureza militar, chamada Bellicrepa Saltatio, que se diz ter sido instituída por Romulus, depois de ele ter levado as virgens de Sabine, a fim de que uma infelicidade semelhante não acontecesse ao seu estado (Festus, sv). . Dançar, no entanto, não foi realizado por nenhum cidadão romano, exceto em conexão com a religião; e é somente em referência a tal dança que devemos entender as afirmações, que os antigos romanos não consideravam a dança vergonhosa, e que não apenas homens livres, mas os filhos de senadores e matronas nobres a praticavam (Quintil. Inst. Orat. I.11 §18; Macrob. Sáb. III.14º). Nos últimos tempos da república, sabemos que foi considerado altamente vergonhoso que um homem livre dançasse: Cícero repreende Cato por chamar Murena de dançarina (saltadora) e acrescenta "Nemo fere saltat sobrius, nisi forte insaniit" (Pro Muren, 6). ; compare em Pison. 10).

As danças miméticas dos romanos, que foram levadas a tal perfeição sob o império, são descritas sob Pantomimus (Meursius, Orquestra; Bürette, ° de la Danse des Anciens; Krause, Gymnastic und Agon. D. Inferno. P. 807, & c.) .

Em muitos dos estados gregos, a arte da dança era levada a grande perfeição pelas mulheres, que frequentemente se dedicavam a acrescentar prazer e prazer aos homens em seus simpósios. Esses dançarinos sempre pertenceram às hetaerae. Xenofonte (Symp. IX.2-7) descreve uma dança mimética que foi representada em um simpósio, onde Sócrates estava presente. Foi realizado por uma donzela e um jovem pertencente a um Syracusiano, que é chamado de ὀρχηστοδιδάσκαλος, e representou os amores de Dionísio e Ariadne.

### ANEXO III

#### OS MACABROS REFLEXOS RELIGIOSOS

A religiosidade humana gera superstições e crendices que nada possuem da identidade das Escrituras. Assim como no Velho Testamento o povo de Israel se abrigava nas asas da idolatria e na adoração de falsos deuses, o cristianismo foi em muitas épocas impactado pela idolatria, por falsas doutrinas e pela tendência humana de exaltação do mágico e do macabro. A religião romana, presente em parte de festividades religiosas apócrifas, e em liturgias medievais ainda presentes em celebrações católicas e em liturgias de determinadas igrejas ortodoxas, transformaram em espetáculo macabro permanente a decapitação de João. Como se o banquete de Herodes jamais tivesse terminado.

#### Festividades macabras



Festa de Herodes.

século XVII. Por Rubens, atualmente na Galeria Nacional da Escócia, em Edimburgo.

A comemoração litúrgica da Decapitação de São João Batista é quase tão antiga quanto as comemorações de seu nascimento, que é uma das festas mais antigas, se não a mais antiga, a serem introduzidas nas liturgias do oriente e do ocidente para homenagear um santo.

A Igreja Católica Romana celebra a festa em 29 de agosto, assim como a Igreja Luterana e a Igreja Anglicana, incluindo aí diversas províncias nacionais da Comunhão Anglicana.

A Igreja Ortodoxa e as Igrejas Católicas Orientais também celebram em 29 de agosto, só que no calendário juliano, utilizado entre outras pelas Igrejas Ortodoxas Russa, Macedônica e Sérvia, e que corresponde ao dia 11 de setembro no calendário

gregoriano. O dia é sempre observado como um dia de jejum rigoroso. Em algumas culturas ortodoxas mais piedosas, o povo se recusa a comer num prato, usar facas ou comer alimentos de formato redondo neste dia.

A Igreja Apostólica Armênia celebra a Decapitação de São João Batista no sábado da Semana de Páscoa.

A Igreja Ortodoxa Síria, a Igreja Ortodoxa Malancara e a Igreja Católica Siro-Malancar comemoram o martírio de João em 7 de janeiro.

Festas relacionadas



Decapitação de João Batista 1608.

Obra de Caravaggio, atualmente na Igreja de São João, em Valeta, na Ilha de Malta.

Há duas outras festas relacionadas observadas pelos cristãos orientais:

Primeira e Segunda descoberta da Cabeça de São João Batista (em 24 de fevereiro). De acordo com a tradição, após a execução de João Batista, seus discípulos enterraram seu corpo em Sebaste, mas Herodias enterrou a sua cabeça num monte de esterco. Posteriormente, Santa Joana, que era casada com um servo de Herodes (vide Lucas 8:3), recuperou secretamente a cabeça e a enterrou no Monte das Oliveiras, onde ela permaneceu escondida por séculos[3]:

A "Primeira descoberta" ocorreu no século IV. A posse do local no Monte das Oliveiras onde a cabeça foi enterrada eventualmente passou para as mãos de um oficial do governo que se tornou um monge de nome Inocente. Ele construiu uma igreja e uma cela monástica ali. Quando ele começou a cavar para fazer a fundação, o recipiente com a cabeça de João foi encontrada. Mas, temeroso de que a relíquia pudesse ser dessecrada por infiéis, ele a escondeu novamente no mesmo lugar onde a encontrara. Após a sua morte, a igreja se arruinou e acabou sendo destruída.

A "Segunda descoberta" ocorreu no ano de 452. Durante os dias de Constantino, dois monges em peregrinação a Jerusalém teriam tido visões de João Batista, que lhes revelou a localização de sua cabeça. Eles descobriram a relíquia, a colocaram num saco e voltaram para casa. No caminho, encontraram um ceramista de nome

desconhecido e lhe deram o saco para carregar, sem contar-lhe o que ele continha. João então apareceu para ele e ordenou que ele fugisse dos preguiçosos e descuidados monges, levando consigo o que tinha em mãos. Ele o fez e levou a cabeça para casa consigo. Antes de morrer, ele a colocou num vasilhame e o entregou para sua irmã. Após algum tempo, um hieromonge de nome Eustácio, um ariano, tomou posse da cabeça e a utilizou para atrair fiéis para sua crença. Ele então enterrou a cabeça perto de Emesa, onde, eventualmente, um mosteiro foi construído. No ano de 452, São João apareceu para o arquiemandrita deste mosteiro, Marcelo, e lhe indicou onde a cabeça estava escondida, enterrada num jarro de água. A relíquia foi então levada à cidade de Emesa e foi posteriormente transferida para Constantinopla.

A Terceira descoberta da Cabeça de São João Batista é comemorada no dia 25 de maio. A cabeça foi transferida para Comana, na Capadócia, durante um período de ataques muçulmanos (por volta de 820) e foi enterrada novamente durante o iconoclasmo. Quando a veneração dos ícones foi restaurada, por volta de 850, o patriarca Inácio de Constantinopla (r. 847–857) viu, numa visão, o local onde ela fora enterrada. O patriarca comunicou o fato ao imperador bizantino Miguel III, o Ébrio (r. 842–867), que enviou uma delegação para Comana, onde a cabeça foi encontrada.[4]

Relíquias



Cabeça de João Batista.

Na Catedral de Amiens, na França.





Cabeça de João Batista.

Na Residenz, em Munique.



Cabeça de João Batista.

Na igreja de San Silvestro in Capite, em Roma.

De acordo com antigas tradições, o local onde o corpo de João Batista foi enterrado foi Sebaste, perto da moderna Nablus na Cisjordânia, em já no século IV se mencionam relíquias suas sendo homenageadas ali. Os historiadores Rufino e Teodoreto relatam que um templo a João foi dessecrado ali em 362 por ordem de Juliano, o Apóstata, que queimou parte dos ossos. Uma parte das relíquias foi salva e levada a Jerusalém, depois para Alexandria, onde, em 27 de maio de 395, elas foram depositadas na basílica recém-dedicada ao Precursor, justamente no local onde antes estava o Serapeu (Serapeum). O túmulo em Sebaste continuou, ainda assim, a ser visitado por peregrinos e São Jerônimo foi testemunha de milagres sendo realizados ali. Atualmente, o túmulo está preservado no interior da Mesquita de Nabi Yahya ("Mesquita de João Batista"), que é considerado um profeta pelo Islã.

O destino final da cabeça de João é difícil de determinar. Nicéforo e Simeão Metafrástes dizem que Herodias a enterrou a na fortaleza de Machaerus (em concordância com Josefo). Outros escritores dizem que ela foi enterrada no Palácio de Herodes em Jerusalém. Ali ela foi descoberta durante a época de Constantino e foi, secretamente, levada para Emesa, na Fenícia, onde ela foi novamente escondida em um lugar que permaneceu secreto até que a localização foi novamente revelada milagrosamente em 452/3.

Cabeça de São João Batista

Com o passar dos séculos, houve muitas discrepâncias nas várias lendas e nas histórias de diversas supostas relíquias no mundo cristão. Diversos locais diferentes reivindicam a posse da cabeça de João Batista. Entre os vários, estão:

A tradição muçulmana mantém que a cabeça de João foi enterrada na Mesquita dos Omíadas, em Damasco. O papa João Paulo II visitou a tumba de João Batista ali em sua visita à Síria em abril de 2001.

Na Idade Média, acreditava-se que os cavaleiros templários estavam com a cabeça e diversos registros de sua perseguição pela Inquisição, após a queda da ordem no início do século XIV, fazem referência a variadas formas de veneração à cabeça.

Alguns cristãos acreditam que a cabeça que está exposta na igreja de San Silvestro in Capite, em Roma, é a cabeça de São João.

A Catedral de Amiens alega ter a cabeça na forma de uma relíquia trazida de Constantinopla por Wallon de Sarton após o saque da cidade pela Quarta Cruzada (1204).

Alguns acreditam que ela foi enterrada na cidade turca de Antioquia (Antáquia) ou no sul da França.

Em 1881, o The New York Times alegou que os internos de dois mosteiros franceses rivais costumavam exibir cabeças de São João, o primeiro a de "quando ele era um garoto" e outro o seu crânio após "ele ter se tornado um homem".

Alguns cristãos ortodoxos acreditam que um pedaço da cabeça está preservado no mosteiro romeno de Prodromo, em Monte Ato.

Um relicário na Residenz, em Munique, está marcado como contendo o crânio de São João Batista.

## Outras relíquias

Acredita-se que diversas outras relíquias de João Batista existam, inclusive as seguintes:

De acordo com a tradição, São Lucas foi até a cidade de Sebaste e lá se apoderou da mão direita do Precursor (a mão que batizou Jesus) e a levou para Antioquia, sua cidade natal, onde ela realizou milagres. Reporta-se que a relíquia era exposta aos fiéis durante a Festa da Exaltação da Santa Cruz (14 de setembro). Se os dedos da mão estivessem abertos, interpretava-se como um sinal de um ano de abundância, se fechados, como de colheitas pobres (1 de setembro era o início do ano litúrgico e da estação das colheitas).

Em 7 de janeiro, a Igreja Ortodoxa celebra a "Festa da Transferência da Mão Direita do Santo Precursor" de Antioquia para Constantinopla, em 956, e o "Milagre de São João, o Precursor, contra os muçulmanos em Quios".

Em 1263, durante o domínio latino de Constantinopla pelos cruzados, o imperador franco Balduíno I deu um osso do pulso de São João Batista para Otono de Chichon que, por sua vez, o doou para uma abadia cisterciense na França.

Acredita-se que o braço direito e um pedaço de seu crânio estejam expostos no Palácio Topkapı, em Istambul, na Turquia.

No ano de 1484, a mão direita do Precursor foi dada pelo filho do sultão Bajazeto II para os cavaleiros hospitalares da Ilha de Rodas para conseguir sua boa vontade. Os cavaleiros posteriormente levaram a relíquia consigo quando eles mudaram a sede da ordem para Malta. Quando Napoleão conquistou a ilha em 1798, a mão foi um dos poucos tesouros que o grão-mestre Ferdinand von Hompesch recebeu permissão para levar embora da ilha.[11] Em 12 de outubro de 1799, após Hompesch ter renunciado, ela foi presenteada, juntamente com os demais tesouros da ordem - o ícone da Theotokos de Filermo e uma lasca da Vera Cruz - para o imperador Paulo I, da Rússia, que acabara de ser eleito como novo Grande Mestre da Ordem Maltesa e foi levada para a capela do Palácio do Priorado[12] em Gatchina, na Rússia. Após a morte de Paulo, em 1801, a relíquia foi transferida para o Palácio de Inverno, em São Petersburgo, e sobreviveu ao saque do local durante a Revolução Bolchevique em 1917 por estar na Igreja da cidade de Gatchina, junto com as outras relíquias, para uma celebração em sua honra no dia 12 de outubro.[11] A relíquia eventualmente foi depositada no Mosteiro de Ostrog, em Montenegro, e de lá para a sua localização atual, no Mosteiro de Cetinje, também em Montenegro.

Também acredita-se que a mão direita esteja preservada no Mosteiro Dionysiou, em Monte Ato.

Acredita-se que relíquias de João Batista estão nas mãos do Mosteiro de São Macário, o Grande, copta-ortodoxo, em Scetes, no Egito.

Em julho de 2010, um pequeno relicário foi descoberto sob a basílica do mosteiro do século V na Ilha de Santo Ivã, na Bulgária. Arqueólogos locais o abriram em agosto e encontraram fragmentos de um crânio, uma mão e um dente, que eles acreditam ser de João Batista com base na interpretação da inscrição em grego no relicário.

A comemoração litúrgica da Decapitação de São João Batista é quase tão antiga quanto as comemorações de seu nascimento, que é uma das festas mais antigas, se não a mais antiga, a serem introduzidas nas liturgias do oriente e do ocidente para homenagear um santo.

A Igreja Católica Romana celebra a festa em 29 de agosto, assim como a Igreja Luterana e a Igreja Anglicana, incluindo aí diversas províncias nacionais da Comunhão Anglicana.

A Igreja Ortodoxa e as Igrejas Católicas Orientais também celebram em 29 de agosto, só que no calendário juliano, utilizado entre outras pelas Igrejas Ortodoxas Russa, Macedônica e Sérvia, e que corresponde ao dia 11 de setembro no calendário gregoriano. O dia é sempre observado como um dia de jejum rigoroso. Em algumas culturas ortodoxas mais piedosas, o povo se recusa a comer num prato, usar facas ou comer alimentos de formato redondo neste dia.

A Igreja Apostólica Armênia celebra a Decapitação de São João Batista no sábado da Semana de Páscoa.

A Igreja Ortodoxa Síria, a Igreja Ortodoxa Malancara e a Igreja Católica Siro-Malancara comemoram o martírio de João em 7 de janeiro.

Há duas outras festas relacionadas observadas pelos cristãos orientais:

- Primeira e Segunda descoberta da Cabeça de São João Batista (em 24 de fevereiro). De acordo com a tradição, após a execução de João Batista, seus discípulos enterraram seu corpo em Sebaste, mas Herodias enterrou a sua cabeça num monte de esterco. Posteriormente, Santa Joana, que era casada com um servo de Herodes (vide Lucas 8:3), recuperou secretamente a cabeça e a enterrou no Monte das Oliveiras, onde ela permaneceu escondida por séculos:

- A "Primeira descoberta" ocorreu no século IV. A posse do local no Monte das Oliveiras onde a cabeça foi enterrada eventualmente passou para as mãos de um oficial do governo que se tornara um monge de nome Inocente. Ele construiu uma igreja e uma cela monástica ali. Quando ele começou a cavar para fazer a fundação, o recipiente com a cabeça de João foi encontrada. Mas, temeroso de que a relíquia pudesse ser dessecrada por infiéis, ele a escondeu novamente no mesmo lugar onde a encontrara. Após a sua morte, a igreja se arruinou e acabou sendo destruída.

- A "Segunda descoberta" ocorreu no ano de 452. Durante os dias de Constantino, dois monges em peregrinação a Jerusalém teriam tido visões de João Batista, que lhes revelou a localização de sua cabeça. Eles descobriram a relíquia, a colocaram num saco e voltaram para casa. No caminho, encontraram um ceramista de nome desconhecido e lhe deram o saco para carregar, sem contar-lhe o que ele continha. João então apareceu para ele e ordenou que ele fugisse dos preguiçosos e descuidados monges, levando consigo o que tinha em mãos. Ele o fez e levou a cabeça para casa consigo. Antes de morrer, ele a colocou num vasilhame e o entregou para sua irmã. Após algum tempo, um hieromonge de nome Eustácio, um ariano, tomou posse da cabeça e a utilizou para atrair fiéis para sua crença. Ele então enterrou a cabeça perto de Emesa, onde, eventualmente, um mosteiro foi construído. No ano de 452, São João apareceu para o arquiandrita deste mosteiro, Marcelo, e lhe indicou onde a cabeça estava escondida, enterrada num jarro de água. A relíquia foi então levada à cidade de Emesa e foi posteriormente transferida para Constantinopla.

- A Terceira descoberta da Cabeça de São João Batista é comemorada no dia 25 de maio. A cabeça foi transferida para Comana, na Capadócia, durante um período de ataques muçulmanos (por volta de 820) e foi enterrada novamente durante o iconoclasmo. Quando a veneração dos ícones foi restaurada, por volta de 850, o patriarca Inácio de Constantinopla (r. 847–857) viu, numa visão, o local onde ela fora enterrada. O patriarca comunicou o fato ao imperador bizantino Miguel III, o Ébrio (r. 842–867), que enviou uma delegação para Comana, onde a cabeça foi encontrada.

